



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

IX LEGISLATURA (2010-2014)

7.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 24 DE OUTUBRO DE 2013

Presidente: Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alcino Pinto

Secretários: Ex.<sup>mos</sup> Srs. Deolindo da Mata  
Celmira Sacramento  
Filomena dos Prazeres

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 10 horas e 5 minutos.

À luz do artigo 88.º do Regimento da Assembleia Nacional, o Plenário procedeu a um debate de urgência com o Governo, proposto pelo Grupo Parlamentar do ADI, relativo à questão dos navios petrolíferos de bandeiras turca e maltesa que se encontravam ilegalmente nas águas territoriais de São Tomé e Príncipe.

Intervieram, além do Sr. Primeiro-Ministro (Gabriel Costa), que respondeu às questões colocadas, os Srs. Deputados Carlos Pinheiro (ADI), Levy Nazaré (ADI), José Viegas (MLSTP/PSD), Arlindo Ramos (ADI), Rafael Branco (MLSTP/PSD), António Barros (MLSTP/PSD), Roberto Lombá (ADI), Delfim Neves (PCD), Isabel Domingos (ADI), José António Pereira

(MLSTP/PSD), Abnildo d'Oliveira (ADI), Elsa Pinto (MLSTP/PSD), Carlos Correia (ADI), António Ramos (MLSTP/PSD) e Alcino Sousa (MLSTP/PSD).

O debate foi encerrado com as intervenções do Sr. Deputado Levy Nazaré (ADI) e do Sr. Primeiro-Ministro (Gabriel Costa).

Por último o Plenário aprovou, na generalidade, especialidade e em votação final global, o projecto de resolução n.º 78/IX/7.ª/13 – Rende homenagem aos militares da Guarda Costeira da República Democrática de São Tomé e Príncipe pela apreensão de dois navios de bandeiras turca e maltesa que violaram as águas territoriais do País.

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 15 horas e 50 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, dou-vos as boas vindas, de acordo com a informação fornecida pelo Sr. Secretário de que existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 10 horas e 5 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** do Nascimento **de Oliveira**  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Alexandre** da Conceição **Guadalupe**  
**Álvaro** João **Santiago**  
**André** Varela **Ramos**  
**António** Oliveira Bonfim **dos Ramos**  
**Arlindo** **Ramos**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Alberto Pires **Pinheiro**  
**Carlos** Manuel **Cassandra** Correia  
**Cecílio** Quaresma da Graça Sacramento  
**Celmira** de Almeida do **Sacramento**  
**Domitília** Portulêz **Trovoada** da Costa  
**Hélder** **Paquete** Lima  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Isabel** Mayza Jesus da Graça **Domingos**  
**José** da Graça **Diogo**  
**José** Manuel Costa Alegre  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Mário** **Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Octávio** Costa **Boa Morte** Fernandes  
**Paulo** **Jorge** de Carvalho.  
**Roberto** Patrício das Neves **Lombá**

Movimento Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Alcino** Costa Batista de Sousa  
**Alcino** Martinho de Barros **Pinto**  
**António** da Trindade Afonso **Ramos**  
**António** Neves Sacramento **Barros**  
**António** **Monteiro** Fernandes  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Carmelita** de Lima **Taveira**  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Dionísio** **Leopoldino** Fernandes  
**Domingos** **Monteiro** Fernandes  
**Elsa** Maria d'Alva Teixeira **Pinto**  
**Eloisa** Almeida  
**Filomena** Sebastião Santana **Monteiro** d'Alva  
**Guilherme** **Octaviano** Viegas dos Ramos  
**Hélder** Afonso das **Neves**  
**Jerónimo** Pires **Quaresma**  
**José** da Graça **Viegas** Santiago  
**José** **António** Moreira **Pereira**  
Joaquim **Rafael** **Branco**  
Manuel da Cruz **Marçal** **Lima**  
**Silvíia** Ambrósio Gil do **Espírito Santo**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Arlindo** Bandeira Fernandes de **Castro**  
**Arnaldo** **Loureiro** dos Santos e Silva  
**Celso** Carlos **Garrido** de Sousa Pontes  
**Delfim** Santiago das **Neves**

**Filomena** Maria de F. D. X. de **Pina** dos Prazeres  
**Firmino** João **Raposo**  
José Luís **Xavier** **Mendes**

Movimento Democrático Força da Mudança/Partido Liberal (MDFM/PL):

**Jorge Boa Morte** de Ceita

O Sr. **Presidente**: — Estamos cá hoje porque, no cumprimento de um dos deveres dos grupos parlamentares suportado pelo artigo 88.º do nosso Regimento, o Grupo Parlamentar da ADI requereu um debate de urgência com o Governo, tendo como base a questão relativa aos navios petroleiros de bandeiras turca e maltesa que se encontravam ilegalmente nas águas territoriais de São Tomé e Príncipe.

À luz do que determina o nosso Regimento, reunimos a Conferência de Líder na segunda-feira passada, que determinou, também em cumprimento do Regimento, que essa sessão tivesse lugar hoje.

De acordo com o nosso Regimento, gostaria de recordar as Srs. e Srs. Deputados que o artigo 88.º diz o seguinte no ponto 1:

1.«Os grupos parlamentares e o Governo podem requerer fundamentadamente ao Presidente da Assembleia a realização de debates de urgência.

2.Os debates de urgência são apreciados e aprovados pela Conferência dos Representantes dos Grupos Parlamentares na primeira reunião posterior à sua apresentação e realizam-se numa sessão plenária da semana da sua aprovação ou da semana imediatamente posterior». Na Conferência de Líderes decidimos optar pela primeira opção, ou seja, na semana da sua aprovação. Aprovamos na segunda-feira e estamos cá hoje, quinta-feira, para organizar este debate. Porém, gostaria de pedir a compreensão de todos, porque o ponto 2 do nosso Regimento diz o seguinte:3.«O debate é organizado em duas voltas, por forma a permitir pedidos adicionais de esclarecimento». Face a alguma dificuldade de interpretação consensual deste ponto, pedi aos colegas líderes parlamentares que relativamente a este ponto fizéssemos a sua discussão num outro momento, de forma a permitir que cada grupo parlamentar pudesse fazer a gestão do tempo que lhe é atribuído, portanto, independentemente da nossa interpretação deste ponto, ou seja, «o debate é organizado em duas voltas por forma a permitir pedidos adicionais de esclarecimento».

Esta proposta foi consensualmente aceite, pelo que hoje o que vamos fazer é recorrer à gestão do tempo, tendo a cada um dos grupos parlamentares um tempo já atribuído: o Governo terá 92 minutos, o Grupo Parlamentar da ADI também terá 92 minutos, o MLSTP/PSD terá 79 minutos, o PCD terá 32 minutos e o MDFM/PL terá 5 minutos.

Eis a decisão adoptada na Conferência de Líderes do dia 21, pelo que peço a vossa compreensão e indulgência para materializarmos como assim está a ser apresentado.

Não havendo questões prévias nem deputados a tomarem posse hoje, acho que estamos em condições de dar início aos nossos trabalhos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, peço a palavra para fazer um pequeno protesto. Há alguns meses, quando a Assembleia conheceu momentos para esquecer na nossa democracia, decidiu-se reforçar os serviços de segurança na Assembleia Nacional. Essa medida tem vindo a ser tomada todos os dias que temos reuniões e é salutar porque é mesmo uma segurança para todos nós, não é só para a Mesa da Assembleia, mas para todos os Deputados e todos que estão na Sala, pelo que o meu protesto vai no sentido de que, não dei conta nos outros dias, mas hoje particularmente reparei que são revistadas as malas de alguns deputados e de outros não. Por isso, o meu apelo à Mesa é para pedir aos serviços de segurança para que cumpram o princípio de igualdade. Todas as pessoas devem ser revistadas, para o bem de todos nós.

Perguntei aos serviços de segurança porque é que não revistaram alguns deputados, e cito do meu próprio Grupo Parlamentar, a minha colega Isabel Domingos não foi revistada, disseram-me que por ela ser mulher e que não havia uma mulher segurança para revistar a mala dela. Pessoas mal-intencionadas podem aproveitar de uma colega e trazer um objecto impróprio para esta Sala e chagar aqui receber na mão da colega.

Por isso, todos os Deputados e funcionários devem ser revistados para o bem de todos nós.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, protesto feito e aceite, as orientações serão dadas aos serviços para que o princípio de igualdade seja observado.

Damos as boas vindas a Sua Excelência o Primeiro-Ministro e seu elenco governamental, esperando que deste debate surjam luzes e esclarecimentos que todos pretendem.

Gostaria de aproveitar para repetir que estamos cá para um debate de urgência à luz do artigo 88.º do nosso Regimento, debate solicitado pelo Grupo Parlamentar da ADI.

Tínhamos combinado em Conferência de Líderes que a nossa sessão tivesse lugar a partir das 9 horas, como já é hábito, o Parlamento tem essa dificuldade de iniciar as sessões na hora combinada, daí que peço a vossa indulgência para o esforço no sentido de cumprirmos o tempo fixado, caso seja necessário, de 5 horas de debate.

Vou convidar o Sr. Líder Parlamentar do Grupo Parlamentar da ADI, o Sr. Deputado Idalécio Quaresma, para fazer a introdução do debate ou indigitar um colega seu para o efeito.

Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Pinheiro.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Sr. Presidente, vou passar à leitura do requerimento remetido à Mesa da Assembleia Nacional para a realização deste debate de urgência com o Governo.

«Carta do Grupo Parlamentar da ADI.

Exmo. Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Nacional.

Palácio dos Congressos, São Tomé.

Assunto, debate de urgência.

Excelência.

1. Aos 15 dias do mês de Março de 2013 a Guarda Costeira da República Democrática de São Tomé e Príncipe aprisionou dois navios de bandeira turca e maltesa, tipo petroleiros, denominados Marida Melissa e Duzgit Integrity, que se encontravam ilegalmente nas nossas águas territoriais, concretamente a 6,8 milhas náuticas da nossa costa, tendo conseqüentemente os capitães indiciados judicialmente por crimes de contrabando e danos patrimoniais, julgados e condenados conforme consta da sentença do Juiz do Tribunal da 1.ª Instância de 29 de Março de 2013, em seguintes penas:

- a) Pena de 3 anos de prisão efectiva para ambos os capitães;
- b) O pagamento de 5 milhões de euros por danos patrimoniais;
- c) Confiscação a favor do Estado são-tomense dos dois navios e toda carga a bordo dos mesmos.

2. Entretanto, após os capitães terem cumprido cerca de 6 meses de penas na prisão, Sua Excelência o Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe, através do Decreto Presidencial n.º 19/2013, datado de 26 de Novembro de 2013, por razões de boa conduta prisional e justificando igualmente este gesto de clemência por razões humanitárias, indultou, na sua totalidade, as penas de prisão aplicadas aos capitães dos referidos navios, conforme o artigo 1.º do respectivo decreto presidencial.

3. Na sequência, o Governo criou uma comissão de negociação composta pela Guarda Costeira, Capitania dos Portos, Instituto Marítimo Portuário» ...

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, fui informado de que a mensagem do Sr. Deputado ainda não está no ar. A televisão ainda não tem todos os aparatos devidamente instalados.

*Murmúrios.*

Srs. Deputados, quero recordar-vos que acordamos que algumas sessões, quando estão a passar em directo, devem ser passadas em pleno. Não é a primeira vez, vamos aguardar pacientemente. Caso nos confirmem que não é possível, adoptaremos colegialmente uma solução.

Peço desculpa ao Sr. Deputado, mas foi a informação que me foi dada há pouco tempo.

Srs. Deputados, vamos interromper os trabalhos.

*Eram 10 horas e 20 minutos.*

Srs. Deputados, está reaberta a sessão.

*Eram 10 horas e 32 minutos.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, pode continuar a sua apresentação.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — ... «presidida pelo Dr. Guilherme Pósser da Costa (advogado de profissão), para encetar negociações com as empresas proprietárias dos aludidos navios, visando salvaguardar os interesses do Estado são-tomense em relação aos navios e às indemnizações por danos patrimoniais.

4. Acontece, porém, que sem se conhecer os resultados conclusivos das negociações encetadas com a empresa «Stena Oil», empresa para a qual os dois navios prestavam serviço, eis que no dia 11 de Outubro de 2013, cerca das 14 horas, verifica-se que o navio Marida Melissa é desancorado e inicia a navegação, ou seja, deixa o Porto de São Tomé para parte desconhecida, sem que as instituições legalmente mandatadas para o efeito tivessem conhecimento da decisão de libertar o navio em causa.

5. Por outro lado, no mesmo dia, constatou-se que um terceiro navio petrolífero de nome «Anuket Emerald» entra para a baía de Ana Chaves (zona de ancoragem), que segundo informações vinha com o objectivo de receber a carga (combustíveis) existente a bordo do navio «Duzgit Integrity».

Assim, perante os factos narrados acima e na necessidade de o Governo esclarecer aos deputados todos os contornos relacionados com o assunto em epígrafe, vem o Grupo Parlamentar do Partido Acção Democrática Independente (ADI) requerer a Vossa Excelência, ao abrigo do artigo 88.º do Regimento da Assembleia Nacional, a realização de uma reunião plenária para um debate de urgência com o Governo.

Grupo Parlamentar da ADI, em São Tomé, 16 de Outubro de 2013.

O Líder do Grupo Parlamentar, Idalécio Quaresma».

O Sr. **Presidente**: — Feita a apresentação dos motivos que deram origem a este debate de urgência, pergunto a Sua Excelência o Primeiro-Ministro se quer fazer uso da palavra neste momento.

O Sr. **Primeiro-Ministro** (Gabriel Costa): — Com certeza, Excelência.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, ilustres Srs. Membros da Mesa, ilustres Sras. e Srs. Deputados, permitam-me que em nome do Governo cumprimente Vossas Excelências e manifeste toda a nossa disponibilidade para poder debater perante os representantes da Nação a questão que constitui o objecto deste debate de urgência.

Confesso que estava à espera de um debate de urgência sobre questões candentes da nossa sociedade, sobre os problemas que assolam efectivamente o País e que exigem de todos os filhos da Nação e particularmente daqueles a quem o povo elegeu e conferiu mandato, para os representar, de forma que em conjunto encontrássemos soluções para os problemas que mais preocupam o povo. Mas em fim, no estrito respeito pela Casa Parlamentar, venho cá com todo o meu elenco para satisfazer a curiosidade que legitimamente têm os Srs. Deputados da oposição, sobre uma matéria que eu diria que é mais do conhecimento dessa oposição.

Eu também tenho perguntas a fazer a essa oposição, porque no exercício das minhas funções apercebi-me que ela sabe muito mais do que eu sobre as questões dos barcos e operações que tiveram lugar no nosso mar territorial, que resultaram em zero cêntimos para os cofres do Estado.

Sras. e Srs. Deputados, a chamada do Governo ao Parlamento deve ser a ocasião sublime para a discussão a título principal, das grandes questões de interesse nacional e as diferentes medidas de solução que elas merecem, para se responder adequadamente às dificuldades que o País atravessa. Acontece porém que a forma como a oposição tem vindo a desempenhar as funções de críticas, fiscalização e responsabilização políticas deste Governo resume-se apenas a ataques infundados aos seus membros, através de mentiras e calúnias, ao invés de acompanhar de forma permanente o seu verdadeiro desempenho e aquilatar-se se as políticas desenvolvidas pelo Governo respondem ou não às exigências do interesse nacional.

Tem-se constatado a excessiva tendência da oposição para confundir o assessorio consciencial e fazer das questões pequenas autênticos dramas político-mediáticos, deixando de lado as grandes questões de opções nacionais, que merecem uma discussão com elevação, patriotismo e espírito de responsabilidade.

Em vez da intoxicação política, a oposição deveria centrar o debate político nas questões decisivas e que têm a ver com o nosso futuro colectivo. Deveria tomar consciência dos problemas que nos afectam e contribuir positivamente para a mobilização de todos para a sua resolução. Entende o Governo ser essa a tarefa primordial de uma oposição responsável, promovendo uma discussão aberta, informada com verdade sobre os verdadeiros problemas que o País enfrenta e apontar caminhos para a sua resolução, constituindo uma opinião pública informada. Não tem sido essa a oposição feita pelo ADI que infelizmente tem sentando na maledicência, intriga, desrespeitos às autoridades e experimentações dilatantes ditadas pela insaciável vontade de queda deste Governo a qualquer preço, numa permanente atitude de conspiração política. Infelizmente são pequenas querelas, pequenos interesses de grupos, que têm ocupado a oposição, ao invés de um debate sério sobre as soluções que nos permitam ultrapassar os problemas e irmos ao encontro das aspirações dos são-tomenses.

Num contexto sobejamente conhecido, de dificuldades económicas e financeira que exige a correspondente mobilização dos são-tomenses, a postura deveria ser diferente sobre a estabilidade e a governabilidade do País, as preocupações com o seu desenvolvimento económico, a reforma da justiça, como uma prioridade incontornável na vida política nacional. Porém, infelizmente não é o que observamos. Por isso, vamos ao que nos trouxe aqui e diria em jeito de intróito que a actuação do Governo neste processo dos barcos teve lugar na estrita perspectiva de persecução de interesse nacional. Eis a razão pela qual o Executivo que eu chefiar se apresenta hoje perante esta Assembleia, para que seja controlada, fiscalizada e apreciada aberta e integralmente a actuação governamental nesta matéria.

Neste contexto, tendo sido o Governo convidado a tomar parte nesta sessão parlamentar, cujo propósito é debater em torno do processo relativos aos navios petrolíferos detidos pela nossa Guarda Costeira, nas

águas territoriais nacionais, inclino-me, Excelências, com sentido de responsabilidade a informar com os detalhes de que disponho sobre este assunto.

Permitam-me voltar a saudar todos os Srs. Deputados e manifestar toda a minha inteira disponibilidade para contribuir para o esclarecimento dessa matéria que desde algum tempo tem constituído motivos de especulação, tanto no País como além fronteiras.

Convencido que estou de que a informação prestada com sentido de responsabilidade e em sede própria constitui um dos instrumentos essenciais para a promoção da boa governação que se exige, sobretudo em contexto de pobreza e de escassez dos recursos, apreendo com satisfação e interesse que o esclarecimento que essa matéria possa suscitar junto à Assembleia Nacional, para que interesses individuais ou de grupos não possam se sobrepor à lisura e à legitimidade dos expedientes e das decisões de São Tomé e Príncipe, como um Estado livre e soberano. É por isso que me sinto honrado, pela oportunidade que se me oferece para esclarecer questões tão importantes como relevantes, para desmistificação dos contornos relacionados com o processo de detenção dos navios petrolíferos de bandeira turca e maltesa, que se encontravam a operar ilegalmente nas águas territoriais de São Tomé e Príncipe.

Com efeito, Sras. e Srs. Deputados, desde Março do corrente ano, foram detidos pela Guarda Costeira Nacional, os navios *Merida Melissa* e *Duzigit Integrity*, de nacionalidade turca e maltesa respectivamente, por se encontrarem ilegalmente nas águas territoriais de São Tomé e Príncipe.

Como convém em qualquer Estado de direito democrático, na sequência dessa apreensão, os comandantes respectivos foram julgados em sede do processo penal e condenados e os barcos confiscado, tendo sido decretada a perda dos navios *Merida Melissa* e *Duzigit Integrity* e toda a carga e mercadorias que os mesmos, tinham a bordo a favor do Estado são-tomense.

Enquanto decorria esse processo, o Governo solicitou ao Tribunal a venda antecipada do combustível a bordo do navio *Duzigit Integrity*, como medidas preventivas por motivos graves de previsidade ambiental e que foi autorizado confirme consta no despacho da competente autoridade judicial.

Despertou-se então toda uma campanha de desinformação, pretendendo que havia sinais de ilegalidade em torno do processo desenvolvidos pelas instâncias competentes do País. É bom que se desmistifique isto, é bom que se diga exactamente ao povo são-tomense quais são as competências de cada um dos órgãos, para que mentes destorcidas não continuem a fazer crer à população que houve uma imiscuição grosseira nas competências dos outros órgãos, houve uma violação de princípio de separação do poder. Não houve nada disso.

Eu tenho acompanhado os debates aqui na Assembleia Nacional e ouvi explicações que deixam preocupado qualquer ser pensante.

Meus senhores, durante o tempo em que estava pendente em Tribunal esta questão dos navios petrolíferos, o Governo da República Democrática de São Tomé e Príncipe, que tenho o ensejo de dirigir, não fez absolutamente nada. Respeitou rigorosamente as competências dos Tribunais, que foram chamados a decidir sobre esta questão, até que houvesse trânsito em julgado da decisão proferida pelo Tribunal da Primeira Instância e a seguir do Tribunal Supremo, em sede de recurso. Foram vários contactos estabelecidos por via diplomática pela companhia de bandeira, pelos donos dos navios. Várias pressões foram exercidas sobre o nosso Estado, de forma que abdicássemos dos princípios que enformam o Estado de direito são-tomense.

O Governo manteve-se no estrito respeito da repartição de competências que estão plasmados na nossa Constituição. Uma vez terminado o processo judicial, naturalmente que o Governo tinha a missão de poder encontrar uma saída para essa questão. Encontravam-se nas nossas águas várias toneladas de produtos perigosos, que ao não saber lidar correctamente com essa questão poderia causar uma catástrofe ambiental, não só para o Estado são-tomense, como também para os outros países, tal como Gabão, Angola, Nigéria, Guiné Equatorial e por aí fora.

Pesava sobre os nossos ombros uma tamanha responsabilidade e quero aqui dizer aos senhores representantes do povo que julgo que temos sabido com algumas mestria conduzir, já lá vamos.

Sr. Presidente, ilustres Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores, constituí no âmbito das minhas competências, uma comissão negocial que integravam vários elementos dos diferentes departamentos do Estado, directamente ligados a esta questão e presidida pelo Dr. Guilherme Pósser da Costa, advogado evidentemente, com conhecimento em matéria de Direito Marítimo, pessoa em quem o Estado investiu, nos primórdios da nossa independência, para acompanhar toda a negociação, em 1982, sobre a Convenção de *Montego Bay*, que é a Convenção sobre o Direito do Mar. Isso não tem qualquer relevância, na medida em que vimos vários Governos aqui que indigitaram advogados para a questão de Sinergy, não houve nenhum concurso público para tal. Eu pessoalmente fui advogado dos marinheiros por causa dos barcos que foram abandonados aqui na Praia de Fernão Dias e negocieei com o Dr. José Carlos Barreiro, Advogado indicado pelo XIV Governo Constitucional. Não inventemos nem procuremos, porque tenho lido as inercias que vêm nas redes sociais, mas estamos como de outra vez, olho no olho. Viemos aqui, e é aqui onde devemos discutir, porque é fácil, sobretudo quando não estou e que se dizem coisas terríveis. Hoje estou cá exactamente, não é para dizer inercias, mas sim para dizer coisas que têm sustentabilidade, quer elas jurídicas quer coerentes. É fácil escrever-se nas redes sociais, enlameando

nomes das pessoas, lançando calunias e difamação, sem se poder provar. É aqui novamente que eu desafio os meus adversários, sobretudo sobre esta questão.

Srs. Deputados, dizia eu que foi nomeada uma comissão negociadora para negociar com os donos dos barcos, indivíduos que exploravam os barcos, a Stena Oil-AB, com quem há acordos que eu desconheço completamente. Eu só soube desse acordo depois de disputar este conflito. Houve acordos que foram assinados que aparentemente deveriam dar lugar a formação de são-tomenses em matéria desse negócio de trasfega de petróleo, tendo em conta a experiência da Stena Oil, que algumas pessoas conhecem muito bem, mas já lá vamos.

Houve com os donos dos navios, negociações preliminares para que encontrássemos uma saída para essa questão que, como disse, tinha um condão extremamente preocupante para o Governo, que era a questão de se evitar a todo custo que houvesse um arrombo no casco do navio, sobretudo pelas informações que tivemos da Guarda Costeira, que trouxe todas documentações. Pediu-nos para que houvesse uma intervenção rápida como forma de evitar um dano ambiental terrível. Se calhar, por falta de patriotismo, algumas pessoas estavam à espera que isso se desse, para dizer que este Governo é incompetente e lançou São Tomé e Príncipe numa desgraça terrível, mas não aconteceu, fomos negociando em articulação, informando a quem de direito. As medidas foram tomadas por quem de direitos, para que chegássemos a um acordo assinado com *Merida Melissa*, que ajudou imensamente o Estado são-tomense a desembarcar essa carga perigosa. E não foi nem nunca seria, pelo menos comigo, com nenhuma leviandade ou uma alinação com outros propósitos. Foi exactamente a venda na base de uma autorização do tribunal, com transferências feitas provadas com documentos a favor do Estado são-tomense, que se consumou ainda ontem a segunda parte dessa transacção. E encontram-se no Tesouro Público os montantes negociados, com todas descrições, relativamente às quantidades que havia a bordo do navio.

Os Srs. Deputados poderão tomar conhecimento desses documentos, creio que o Governo colocará à disposição de Vossas Excelências, para todas as informações que querem ter sobre esta questão.

Antes disso, o Governo tomou conhecimento, depois de estar na fase terminal das negociações com os donos de *Merida Melissa*, que *Duzigit Integrity* e *Stena Oil* tomaram medidas para impedir que a transferência de combustível se fizesse. Nós estamos na posse de informações que apontavam para a sabotagem do navio que continha essa carga perigosa. Ouvimos o que se disse, tanto dentro como fora do País, sobre entrada de militares nos barcos que até hoje, neste momento que estou falar, ainda pertence ao Estado são-tomense. Se calhar ainda não houve nenhum acordo sobre este barco. As autoridades do Estado são-tomense podiam entrar para esse barco para se poder evitar que houvesse danos e sabotagens que prejudicassem os interesses do Estado são-tomense. Não houve venda de *Duzigit Integrity*, porque à semelhança daquilo que aconteceu com *Merida Melissa*, depois de nos desembaraçarmos da carga perigosa, vamos chamar os donos e os operadores do *Duzigit Integrity*, para que negociem connosco o pagamento da multa do IMAP, como pagou o dono de *Merida Melissa*. Vamos negociar, porque ficou a bordo uma quantidade de combustível para permitir que o barco continue a funcionar e para poderem sair daqui. Srs. Deputados, foram tomadas todas as medidas para preservar os interesses do Estado são-tomense.

Agora, devo dizer-vos, porque não seria curial da minha parte que não soubesse os Srs. Deputados que a *Stena Oil* escreveu uma carta. Diz essa carta: «O Sr. Gabriel Arcanjo Ferreira da Costa, no respeito da execução do contrato da sociedade são-tomense dos serviços petrolíferos pelo Governo de Trovoada, em Novembro de 2010 e sobre uma base de investigação aprofundada via e-mails, para gerar receitas de forma imediata e constante em benefícios do Estado de São Tomé e Príncipe, nós exprimimos, sobre forma de uma carta de intensão, a possibilidade de propor uma solução holística ligada ao sector petrolífero.

Em Janeiro de 2011, fomos convidados pelo governo a uma visita à Agência Nacional de Petróleo e às infra-estruturas portuárias e eléctricas do País. Essa visita soldou-se para um protocolo de acordo, assinado pelo Ministro Vila Nova e RIG, assistida do seu parceiro técnico, a CONNA WELPRO, Terceira Sociedade de Engenharia Norueguesa de Prospeção e Produção Petrolífera e consultante do Estado norueguês em matéria de protecção do ambiente marítimo, visando criar um centro de serviço de suporte às actividades petrolíferas, desenrolando-se na Zona de Desenvolvimento Conjunto e na Zona Económica Exclusiva. Portanto, um contrato de parceria público-privada por um período de 30 anos foi assinado, em Junho de 2011, entre o Estado de São Tomé Príncipe, representado pelo Ministro das Infra-estruturas e Recursos Naturais, Vila Nova e *LIG Investment AB*, representada pelo Sr. *Joseph Okito*, co-fundador e vice-presidente da nossa empresa Sueca.

O fim do contrato se resume à criação da sociedade mista, Sociedade São-tomense de Serviços Petrolíferos (SSP), que beneficiaria do direito da primeira recusa como toda empresa nacional, tal como previsto no capítulo XX da lei sobre as actividades petrolíferas e que seria a termo, um centro de serviços regionais, mas sobretudo um veículo através do qual viriam a juntar-se as sociedades nórdicas líderes de cada seguimento de serviços, de *hippy string* e *dan string* de indústrias petrolíferas.

A contrapartida das prestações de serviço dessas empresas nórdicas por SSP é a formação permanente dos quadros técnicos são-tomense, mas igualmente recebe uma percentagem em cada contrato de

prestação de serviço, na qual nos limites do artigo 58.º da Lei sobre as Actividades Petrolíferas e Investimentos, e estabelecimento ao longo termo em São Tomé e Príncipe.

Em Novembro de 2011, LIG tinha cumprido todas as formalidades administrativas...» – Vamos ver qual é a importância – «...incluindo a tradução do contrato em português...» – eu nunca encontrei esse contrato – «...exigido pelo guiché único de São Tomé, encarregue de criação de empresas. Apenas faltava então, o mandato do primeiro-ministro, comprometendo o Estado na constituição da sociedade mista e isto face às obrigações contratuais do Estado de proceder às demarches administrativas relativas à criação efectivas de SSP».

Estamos a falar *Stena Oil* e da relação que existia entre o XIV Governo nessa área.

«Em Janeiro de 2012, o Ministro Vila Nova que nos recebeu em audiência não tinha nenhuma explicação em relação à ausência de mandato do primeiro-ministro e anúncio público da existência desse contrato.

Foi só em Abril de 2012, por ocasião da reunião dos Estados-membros da Comunidade do Golfo da Guiné, em Luanda, que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Salvador Ramos, nos informou das condições do primeiro-ministro, Patrice Trovoada, da submissão do mandato no Guiché único, do estabelecimento das relações bilaterais entre São Tomé e Príncipe e a Suécia, da visita do Primeiro-Ministro à Suécia, e da canalização de ajuda ao desenvolvimento da Suécia ao País».

*Protestos do ADI.*

Por isso, dizia eu que os senhores sabem muito mais dos barcos do que nós.

Então, na parte final da carta, lamentável politização da sentença judiciário número 95/2013.

Diz a *Stena Oil* que: «desde 1 de Abril de 2013, pudemos notar uma tentativa de recuperação política da sentença judiciária número 95/2013, da parte do Partido Político ADI, e envio de um sinal muito inquietante, da parte da defesa orquestrada pela seguradora britânica *PI KLOSE*, agindo exclusivamente por conta dos proprietários dos navios, pelo facto de a nomeação instantânea do Sr. Afonso Varela, membro do Governo censurado, como advogado». Portanto, não é tão inócuo. Os senhores já compreenderam exactamente qual é o alcance?

*Protestos do ADI.*

Não me interrompam, porque vocês vão ter que me ouvir.

*Protestos do ADI.*

O Sr. **Presidente**:— Srs. Deputados, Srs. Deputados...

**Vozes do ADI**:— *Isso é forjado, isso é forjado, isso é forjado...*

O Sr. **Primeiro-Ministro**:— Vamos ver se é forjado ou não.

Referindo-me à relação que tinha com a *Stena Oil*, obriga-nos a tentar resolver esse problema em conjunto e para o bem do País, evitando uma compilação de factores que favoreçam uma injusta, qualificação e cristalização internacional de São Tomé e Príncipe como um Estado pirata a favor da preparação da opinião pública pela ADI. Há internet e vocês vão ver exactamente se isto é forjado ou não. Não é forjado! Vocês sabem que não é forjado, porque o documento existe no Guiché único e ficou pendurado até hoje, porque se condicionou efectivamente uma parceria público-privada, aquilo que vocês ouviram aqui, viagem a Suécia, estabelecimentos de relações com a Suécia e por aí fora.

O Sr. **Presidente**:— Sr. Primeiro-Ministro, peço desculpas. Srs. Deputados, pedimos a presença de comunicação social e interrompemos a sessão porque a televisão não estava no ar. Com essa perturbação permanente, o público que está lá em casa não vai perceber o que se está a discutir e o que se está a dizer. Daí que eu compreendo a reacção de uns e outros, mas eu gostaria de pedir aos Srs. Deputados que fizessemos um esforço, no sentido de ouvirmos o que está a dizer o Sr. Primeiro-Ministro. Temos o direito de respostas e temos tempo suficiente para intervir e vamos deixar que os que estão lá em casa possam ouvir claramente o que cada um de nós vai dizer.

É apenas isso que eu gostaria de pedir.

O Sr. Primeiro-Ministro pode continuar a sua intervenção.

O Sr. **Primeiro-Ministro**:— Sr. Presidente, vou continuar e vou dizer aos Srs. Deputados que querem efectivamente esclarecimento sobre esta questão, que *Merida Melissa* pediu desculpas ao Estado são-tomense.

Vou passar à leitura e não é nenhum documento forjado, é um documento assinado, é um acordo assinado com *Merida Melissa*: «Nós, Mérida Melissa, os proprietários e operadores técnicos do navio, respectivamente declaramos como se segue:



Reconhecemos que as autoridades são-tomenses agiram no exercício da sua soberania, ao interpelar o navio quando presente nas águas territoriais.

Lamentamos os factos ocorridos que estiveram na base das irregularidades constatadas pelas autoridades competentes e queremos reiterar não ter sido, em qualquer circunstâncias, a nossa intenção violar as leis da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

Deploramos, deste modo, o incidente e todos os transtornos que hajam sido causados ao Estado são-tomense, pelo que vimos apresentar o nosso pedido de desculpas.

Enaltecemos a vossa Guarda Costeira, bem como todas as competentes autoridades, pelo seu profissionalismo em lidar com esse assunto até se conseguir uma solução amigável no respeito pelas leis da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

Fazemos votos para que São Tomé e Príncipe, através da sua Guarda Costeira, continue a empreender esforços no sentido de melhorar a segurança marítima na região».

Meus senhores, depois desse pedido de desculpa formal, depois do pagamento da multa ao IMAP, depois da libertação dos capitães por razões humanitárias, e disto ninguém tem dúvidas, por razões humanitárias, nós conhecemos qual é a situação das nossas cadeias, nós conhecemos e sabemos perfeitamente bem, que se houvesse...

#### *Protestos do ADI.*

Eu vou vos dar já a resposta. É a técnica habitual de interromper para cortar o raciocínio, mas retomo e peço-vos santa paciência e que oiçam, porque isto não é fantasia nenhuma, porque quando se está à testa do Estado, há responsabilidades. Sabem que essas coisas não se passam assim e nem se resolve com populismos. Ninguém vive hoje em autarcia. Lidamos com esse problema no quadro das relações que temos com parceiros da União Europeia. Vocês não se esqueçam que as pessoas implicadas são cidadãos oriundos, nós temos as correspondências, vimos, digamos assim a valsa diplomática que teve lugar devido a essa questão. Também, por falta de patriotismo, algumas pessoas disseram que era uma situação muito mal gerida, porque não se tinha que prender os barcos. Foi dito e houve uma crónica! Eu convidado-vos aos *sites*, aquilo que foi dito durante esse período, que mostra efectivamente que nós tínhamos que lidar com essa questão com alguma cautela, um, para preservar, fizemo-lo; dois, respeitando a situação humanitária.

O Governo solicitou ao Presidente da República que houvesse um indulto dos capitães para abrir vias para as negociações. Quero dizer aos senhores que a carga que continha no navio *Duzigit Integrity* era uma carga que não tinha certificado de origem, nem do certificado de controlo de qualidade. Pelo que a venda autorizada pelo Tribunal encontrou algumas dificuldades. Nós tivemos países que vieram e que fizeram propostas. Quando se dialogava no sentido de alinação, disseram-nos que não tendo o certificado de origem, nem de controlo de qualidade haveria muita dificuldade em poder vender a carga. Portanto, como Governo responsável fizemos aquilo que devíamos fazer, para poder solucionar esse problema e evitar um risco de dano maior. O Governo não agiu com ligeireza, nem com leviandade e preservou os legítimos interesses do Estado são-tomense. Não desobedeceu a ordem dos Tribunais, nem fez nenhuma incursão de uma forma gratuita como se diz. Um indulto e comutação de pena é um instituto que está na nossa Constituição que permite, efectivamente, ao Chefe de Estado. Não seria a primeira vez poder agraciar alguém que dá provas de boa conduta ou de reinserção social por razões humanitárias e outras. Foi o que foi feito! O Sr. Presidente não fez nenhuma incursão na área de competência judicial.

A partir do momento em que esgotou os poderes do Tribunal, lançou-se mãos de institutos que a lei prevê para poder resolver esse tipo de questões. O Governo já tinha a autorização do Tribunal para poder vender a carga perigosa que se encontrava nas nossas águas, para além de outras demarches que já tinha sido feita. Fê-lo com lisura e transparências e que não me venham dizer aqui que não houve lisura, nem transparência, porque ao solicitar um debate de urgência sobre esta questão, supõe-se que tem havido qualquer coisa por parte deste Governo que não tenha sido claro, e eu quero que se diga aqui. Não especulem! Venham cá com responsabilidade dizer o que foi feito que tramou os interesses do Estado são-tomense e que não é conducente com a as regras que existem no Estado de direito são-tomense.

Foi dito que tudo isto foi feito obedecendo às regras existentes. Portanto, estou à vossa espera, para que venham dizer-me exactamente o que não foi feito conforme as normas.

A nota justificativa do pedido de debate de urgência dizia: «...sem que houvesse a consulta das autoridades competentes.» Qual é a autoridade que dá competência ao Governo para vender a carga? Que autoridade! É preciso falar-se com conhecimento de causa.

#### **Vozes do ADI:— O IMAP.**

O Sr. **Primeiro-Ministro:**— O IMAP não soube? Meus senhores, não me digam aquilo que não sabem. O IMAP está sob a minha administração e recebe as ordens do Governo. O IMAP escreveu e tenho o relatório: «Alertar o Governo para a perigosidade da situação.» O Estado obteve informações através do *Bureau Veritas* sobre a degradação do navio e alertou o Governo para o risco que essa carga comportava

para o ambiente em São Tomé e Príncipe. Tudo isso está documentado e levou o Governo a agir com serenidade para poder resolver esta questão.

Fico à vossa disposição para as vossas perguntas e muito abrigado pela vossa atenção.

*Aplausos.*

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, ouvimos as razões do Grupo Parlamentar da ADI que deu origem ao pedido do debate, ouvimos as explicações de S. Exa. o Primeiro-Ministro, pelo que declaro aberto o debate e as inscrições.

No início eu tinha anunciado aos Srs. Deputados e ao Governo a distribuição do tempo. Os Grupos Parlamentares do PCD, do MLSTP/PSD e o Deputado do MDFM/PL continuam com os seus tempos intactos. O Governo já perdeu 38 minutos e 21 segundos e o Grupo Parlamentar da ADI, 6 minutos e 40 segundos.

Inscrição, Srs. Deputados.

O Sr. Deputado Arlindo Ramos pediu para se inscrever?

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI):— Sim.

O Sr. **Presidente**:— Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré, para uma intervenção.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI):— Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Primeiro-Ministro e todo o seu Elenco, antes de mais, esperemos que das perguntas que vamos aqui fazer, o Sr. Primeiro-Ministro não divague muito e responda de uma forma clara, como elas também serão colocadas de forma clara.

Gostaríamos também de dizer que haverá mais pedidos de debates, não se preocupe. Vamos pedir outros debates nas outras alturas, por isso para nós este assunto é de extrema importância, ao contrário daquilo que quis aqui dizer, porque a República tem outros assuntos mais importantes. Para nós é de extrema importância, principalmente quando sabemos que o País vive de ajuda externa em grande parte, daquilo que precisamos para existirmos enquanto povo, enquanto País, enquanto Nação. Daí que, este assunto vem beliscando de que maneira a imagem da República de São Tomé e Príncipe. Por isso é que para nós é importante.

O Sr. Primeiro-Ministro falou algumas coisas e a minha primeira pergunta é se o senhor de facto conhece toda a situação judicial desse processo, porque há recursos que foram feitos, ainda no Tribunal. Talvez o senhor não esteja bem assessorado sobre este assunto. Houve uma decisão da 1.<sup>a</sup> Instância, houve um recurso para o juiz singular, desse recurso houve outro para o Supremo que foi decidido por um juiz; houve pedido de esclarecimento dessa decisão do juiz singular do Supremo, depois houve um recurso de anulação dessa sentença do juiz singular do Supremo, desse recurso o juiz activou e dessa decisão, desse despacho de arquivamento houve uma declaração de impedimento e houve um recurso para o Tribunal Constitucional. Por isso, o processo ainda está nos Tribunais e não corresponde à verdade aquilo que o senhor veio aqui dizer. Dito isto, mais uma vez insistimos, sim, que houve violação do princípio de separação de poderes, porque o processo ainda não está fechado a nível judicial, ao contrário daquilo que o senhor disse.

O senhor referiu-se ao advogado que nomeou como presidente da comissão de negociações, mas esse advogado é um profissional liberal, tem o seu escritório de advogado, como existem muitos outros escritórios de advogados na nossa praça. Perguntamos, por isso, se houve algum concurso público para esse advogado participar nessa negociação. O senhor disse aqui que houve outros casos de nomeações de advogados, querendo justificar esses casos também com este caso de ilegalidade. Por poucas palavras, foi isso que quis dizer: «porque houve ilegalidades no passado, então, eu também faço esta ilegalidade». E porque é que me referi ao Dr. Pósser da Costa como advogado, o que o senhor não falou aqui antes, não da negociação, o Dr. Pósser da Costa foi assistente no processo, e o senhor sabe. Eu gostaria de dizer como é que o Dr. Pósser entra como assistente no processo, tendo em conta o tipo de crime, e nós somos juristas. Existe outra jurista no seu Governo que também sabe, porque estudou no mesmo sítio onde estudei e com os mesmos professores que eu. Mais uma vez, eu disse isto, porque da outra vez a TVS não passou, cortou esta parte, por isso eu volto a dizer, agora em directo. Repito, este tipo de crime, o Estado é representado pelo Ministério Público. Não é um crime particular, não é um crime semipúblico, não é um crime que depende de queixa ou de acusação particular. Logo, o Estado não podia nomear um assistente nesse processo. Deveria ser o Ministério ou ao mais alto nível, o Procurador-geral da República, para defender o Estado nesse processo. E eu posso indicar aqui o Código Penal e o Código do Processo Penal que nós aprovamos e se formos ver os artigos que falam da assistência está lá claramente que não podia ser um advogado assistente nesse processo. E digo mais, se formos ver o Estatuto dos Magistrados do Ministério Público, diz claramente: «O Ministério representa o Estado nos Tribunais.» Num crime público, não pode haver assistente. E diz mais: «Compete especialmente ao Ministério Público representar o Estado, as Autarquias locais, os menores, os incapazes, etc., etc. Por isso, como é que o Dr. Pósser da Costa entra nesse processo como assistente?

Disse aqui que houve um despacho do juiz que autoriza a venda do combustível. Não estou a dizer que não seja verdade, mas gostaríamos que nos mostrasse aqui ou à comunicação social esse despacho do juiz e a data desse despacho, para nós sabermos, porque quando o Sr. Primeiro-Ministro disse que está à espera dos Deputados para vir justificar, o deputado aqui não está para justificar nem para responder às suas perguntas, nós é que estamos aqui para lhe fazer perguntas e queremos respostas.

O Sr. **Presidente**: — Convido o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, bom dia, gostaria de saudar o Sr. Primeiro-Ministro, as Sras. e os Srs. Membros do Governo e as Sras. e os Srs. Deputados.

Gostaria de me ater à última parte da intervenção do Sr. Deputado Levy Nazaré e peço ao Governo que faça um concurso de juristas, e é necessário para todos os sectores, desde a EMAE, todas as empresas públicas...

*Aplausos do MLSTP/PSD, do PCD e do Deputado do MDFM/PL.*

...assim, as coisas ficam muito mais transparentes. Tem que haver outras competências.

Sr. Primeiro-Ministro, infelizmente nós perdemos muito tempo a discutir coisas muito importantes, cuja responsabilidade nem sequer deveria ser nossa.

Ouvi as informações do Sr. Primeiro-Ministro, concordo que nós vivemos numa zona conturbada e que o Golfo da Guiné hoje é um espaço de pirataria e todo o nosso comportamento, enquanto defensores do Estado, deve estar virado para a defesa da nossa soberania. E pelas informações aqui prestadas, soubemos que os navios estiveram aqui nas nossas águas já há alguns anos. Quem autorizou os navios a estarem aqui nas nossas águas todo esse tempo, de forma ilegal? Quem colabora com piratas é pirata.

*Aplausos do MLSTP/PSD, do PCD e do Deputado do MDFM/PL.*

Fala-se de acordos, mas deixe-me dizer-lhes, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, não se viu o acordo nem se viu os outros documentos, mas eu não me lembro, na história da nossa República nem de outros Estados do mundo, em que os dirigentes saem com os dossiês! Onde é que nós estamos? Na república das bananas?

Sr. Primeiro-Ministro, eu gostaria de saudar as instituições do Estado, o Presidente da República, o Governo e os Tribunais, pela forma tão hábil e responsável como souberam defender os interesses do Estado são-tomense, nesta matéria. O Dr. Guilherme Pósser prestou um bom serviço à Nação. Muito obrigado por isso!

Também desta Tribuna gostaria de pedir aos Srs. Deputados que são patriotas, ao Sr. Deputado do MDFM/PL, uma salva de palmas à Guarda Costeira, pelo trabalho tão brilhante que fizeram em nome da Nação são-tomense.

*Aplausos.*

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, seria bom que não enviássemos sinais de tanta hilaridade quando estamos a tratar de questões tão sérias, que deram origem até à solicitação de um debate de urgência. Não enviemos este sinal para o exterior, as câmaras estão a filmar-nos e seria bom que tratássemos os assuntos com seriedade.

Dou de seguida a palavra ao Sr. Deputado Arlindo Ramos.

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sra. e Srs. Ministros, Caros Colegas Deputados, bom dia a todos.

Tomo a palavra para fazer algumas perguntas ao Sr. Primeiro-Ministro.

A primeira questão: o Sr. Primeiro-Ministro leu uma carta de pedido de desculpa da empresa *Stena Oil*, pedindo desculpa ao Estado, mas a *Merida Melissa* estava ao serviço da *Stena Oil*. Não compreendo o porquê do comunicado do Conselho de Ministros, lido no Domingo.

A outra questão: o senhor falou também da ameaça que a permanência desse navio de combustível nas nossas águas poderia constituir para a nossa República e não só, para todo o Golfo da Guiné, todos os países vizinhos. Eu gostaria de ler uma frase publicada não no site do ADI, mas no Tela Non, e assinado pelo Sr. Abel Veiga, que dizia o seguinte: «A *Stena Oil* alerta para o facto da retirada da tripulação dos dois navios poder mais tarde provocar um grande desastre ecológico, caso as mais de 9000 toneladas de combustível que transportam vazem para o mar, em caso de um acidente.» Portanto é um concelho que se deu ao Primeiro-Ministro e o senhor decidiu acatar?

*Risos.*

Sr. Primeiro- Ministro, quando requeremos esse debate, o nosso objectivo era somente o esclarecimento sobre todas as operações feitas nesses últimos dias sobre o transbordo do combustível, sobre a venda do combustível e quais foram os procedimentos que se teve enquanto entravam e saíam os petroleiros para fazerem o transbordo. Sabemos que existem regras de entrada e saída de navios no País. Infelizmente os procedimentos não foram tidos em conta nessa matéria.

Assistimos, à distância, o transbordo do combustível, assistimos os petroleiros que entravam e saíam para carregarem o combustível, mas não sabemos para onde vai esse combustível. Por isso, uma outra pergunta. Como foi negociado esse combustível? Com quem foi negociado? Qual foi o valor total do combustível comercializado?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Rafael Branco.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Somente algumas notas soltas. A propósito deste debate, acho legítimo que um partido queira colher informação sobre as actividades do Governo, isso é legítimo em democracia. Tenho que fazer essa nota, pena que isso não seja uma atitude permanente e parte de uma demarche política em todos os tempos.

A Segunda nota é para felicitar o Sr. Primeiro-Ministro pela disponibilidade que tem manifestado até agora de sempre que a Assembleia solicitar a sua presença, disponibilizar-se para vir cá prestar as informações que os Deputados da Nação exigem.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Voltando ao assunto que nos traz, queria tocar em algo que para mim é mais importante. Em menos de um ano o mar foi protagonista, foi o centro de atenção de grande potencialidade que tem o nosso país. Não só pela pesca artesanal que fazemos, mas pelo potencial de negócios que o mar tem. O mar é 160 mil vezes maior que o nosso território terrestre e tem sido uma parte do Território Nacional que tem estado fora do nosso foco de atenção.

E com o caso dos navios taiwaneses e este caso mostra que o mar tem um potencial económico que precisamos explorar com uma estratégia coerente, não podia deixar de dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que talvez fosse importante que o Governo criasse um grupo de trabalho, no sentido de trabalharmos sobre toda a potencialidade que o mar tem para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe. Em pouco tempo, vimos que os recursos que o Estado pode obter do mar ultrapassam rapidamente a exportação de um ano de cacau. Há aí muito potencial e alguns desses negócios podem representar uma fonte alternativa para o nosso país.

A terceira nota que queria sublinhar aqui é sobre transparência e continuidade de Estado. Neste ano só já ouvimos, quer aqui na Assembleia, quer através dos órgãos de comunicação social, mais de quatro acordos fundamentais que foram assinados em nome do Estado são-tomense e sobre os quais as instituições nacionais não têm conhecimento.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Pirataria.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Paradoxalmente, são as pessoas que assinam esses acordos que nos vêm dizer: «*olha, temos um acordo assinado com o Estado são-tomense*». Isto é extremamente importante e extremamente grave porque, no princípio de continuidade do Estado, qualquer governo que vem tem de agir para honrar os compromissos que foram assumidos pelo governo anterior.

Quando um governo, no exercício das suas funções, não tem conhecimento de compromissos que foram assumidos por governos anteriores, estamos a criar uma situação potencialmente muito perigosa para os interesses de São Tomé e Príncipe. Não é só uma questão de transparência, é uma questão de continuidade de Estado e nisso ousou dizer que todos nós que andamos na vida política assumimos compromissos e temos que ser fiéis às organizações que pertencemos e às estratégias que essa organização elabora. Mas nesse caso específico acho que os vários ministros que foram aqui citados, não tenho dúvida que haja neles patriotismo, acho que era bom que esses acordos fossem entregues ao Estado para que o Estado possa, de maneira séria, lidar com os mesmos.

Sobre transparência, isso preocupa-me, há documentos dos operadores, dos donos dos barcos, que mostram que vinham fazendo operações. Eles mesmo declaram que vinham fazendo operações, e mais, declaram-se disponíveis a pagarem por essas operações passadas. Temos que ser muito sérios nessa questão e não é sério pelos montantes envolvidos, é sério porque o nosso mar tem um potencial para coisas boas, mas até agora tem um potencial para coisa más que vão acontecendo.

Há pirataria que consuma nas nossas águas e nesse sentido, para além das críticas que temos que fazer, enquanto país, enquanto Estado, temos que ser determinantes no reforço das nossas capacidades relativamente às instituições que tratam das questões do mar. Estou a me referir ao Instituto Marítimo, à Guarda Costeira. Ainda há dias teve-se notícias que houve tentativas de se fazer operações no nosso mar.

Foi aqui dito que ajuda pública ao desenvolvimento está a diminuir de maneira agressiva. Países como o nosso estão cada vez a receber menos ajuda pública ao desenvolvimento e a tendência é para que essa ajuda continue a diminuir, o que nos resta poucas alternativas. Uma delas é gerir melhor o pouco que nos dão, mas sobretudo temos que ter capacidade de atrair investimento directo estrangeiro.

Com esses casos todos em que o Estado assume compromissos com empresas, assina acordos com empresas e depois não têm continuidade, estamos a prestar um mau serviço à Nação e sobre essa matéria acho que a exigência sobre nós devia ser maior. Devíamos comportar-nos, a oposição e o poder, de maneira mais patriótica e concentrar os nossos esforços em criar condições para que o nosso país tivesse todo o potencial para atrair investimentos directos estrangeiros.

E surpreende-me que nós, como são-tomenses, como organizações políticas, até agora não manifestamos essa capacidade de entendimento mínimo, quando aquilo que nos separa é muito pouco. Hoje de manhã vinha para aqui, ouvi no noticiário, só como exemplo, que a Sra. Ângela Merkel...

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI). — Esse Sr. Deputado, quando fala, cansa.

O Sr. **Rafael Branco** (MLSTP/PSD): — Eu não me canso de ouvi-lo, Sr. Deputado. Portanto, tenha paciência de ouvir-me. Pode não concordar, mas dê-me o direito de expressar.

A Sra. Merkel protestou junto ao governo dos Estados Unidos pelas escutas que se fazia às suas comunicações. O segundo maior partido da Alemanha, a esquerda, o partido da Sra. Merkel é da direita, juntou-se a ela para condenar esse acto contra a Nação Alemã.

E neste episódio destes barcos nem sempre estivemos unidos a defender os interesses de São Tomé e Príncipe e é essencial que possamos ultrapassar as divergências. Que ninguém me convença que elas são fundamentais. A democracia é necessária, mas há questões fundamentais que devemos pôr interesses imediatos e táticos de lado, e sobrepor o interesse nacional às nossas estratégias políticas.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados, bom dia. Depois de ter ouvido S. Exa. o Primeiro-Ministro e também algumas intervenções, sobretudo a que veio do Sr. Deputado Arlindo Ramos, do ADI, nem era para intervir, mas essas intervenções obrigaram-me a fazer uma intervenção, porque de facto se eu aqui fico sem entender, imagino que o povo lá fora ainda pior.

Estamos a falar de barcos que o Tribunal decretou uma confiscação a favor do Estado são-tomense, quer dizer que pertencem ao Estado são-tomense. Os barcos continham produtos perigosos e o Sr. Deputado aqui disse que houve um alerta neste sentido. Eu acho que qualquer governo, qualquer Estado responsável tinha que tomar medidas. O produto é dele, é perigoso, tem um risco, o Estado tomou uma medida. Não consigo compreender porque é que o Partido ADI está contra esta medida que o Estado tomou...

*Murmúrios.*

...a medida de evitar o desastre ecológico. Está a demonstrar que está contra, sim senhor.

O Sr. **Cecílio Quaresma** (ADI): — O Sr. Deputado entendeu completamente mal.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Entendi muito bem. Se o Governo não tomasse medida de retirar esses produtos perigosos e se houvesse um derrame, seria o próprio ADI que vinha dizer que o Governo é irresponsável, porque sabia e permitiu que o desastre acontecesse, mas os senhores da ADI não sabem o risco que isso representava para a classe piscatória.

Quantas famílias que não vivem da pesca? Os pescadores iam ficar na praia com a mão no queixo e os senhores vinham aqui acusar o Governo que os pescadores estão na praia sentados e não podem pescar, as famílias estão com fome, porque o Governo sabia e permitiu que houvesse derrame para lhes prejudicar. Não é isso que os senhores queriam?

*Aplausos.*

Os senhores dizem que têm muita responsabilidade com esse país e com esse povo. É assim que se tem responsabilidade com esse país e com esse povo? Com esse tipo de política?

Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Ilustres Srs. Deputados, houve essencialmente duas intervenções que suscitam da parte do Governo uma resposta, as dos Srs. Deputado Levy Nazaré e Arlindo Ramos. Concordo com as outras intervenções e elas não suscitam da minha parte qualquer intervenção.

Começaria pelo Sr. Deputado Levy Nazaré que manifestou grande preocupação, enquanto Deputado, pela questão da ajuda externa. Curiosamente, a ADI está muito preocupada com a questão da ajuda externa. Pergunto se não é uma contradição escrever-se cartas à União Europeia a pedir para não ajudar São Tomé e Príncipe. Essa carta existe...

O Sr. **José Diogo** (ADI): — Mostra a carta!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não me interrompam por favor, têm que ouvir.

Há uma carta feita pelo Líder da ADI, fomos chamados à União Europeia para um debate e essa carta prejudicava São Tomé e Príncipe. Não se disse aqui que durante a visita do Sr. Presidente da Assembleia Nacional e uma deputação a Timor coincidiu com a apresentação de uma carta feita pelo Líder da ADI às autoridades de Timor...

*Murmúrios.*

...não estou a perguntar se é assumida ou não. Então, não diga para mostrar. Não façam lamúrias sobre aquilo que é o facto e que é evidente.

Os senhores têm tido acções de obstrução em várias partes do mundo para impedir que o País, que precisa de ajuda pública ao desenvolvimento, não a tenha, e não digam o contrário. É uma hipocrisia farisaica dizer aqui que se está preocupado com a questão de ajuda pública ao desenvolvimento, a relação com os outros países no quadro dos barcos e terem esse tipo de atitude. Era só para chamar a vossa atenção para esse aspecto que mostra que o que vos interessa é ludibriar o povo. Não é efectivamente ser coerente com aquilo que se diz, e estamos aqui para sermos coerentes.

O Governo, quando agiu nessa matéria, meus senhores, recebeu o embaixador turco, o embaixador da Suécia, o embaixador da União Europeia, foi a Bruxelas, falou com as pessoas. Os senhores é que estão a dizer que isso vai estragar certamente as nossas relações com os países europeus. Não é nada disso. Fizemos prova da firmeza e do exercício de soberania com responsabilidade e não leviandade e contrariedade, porque não estamos envolvidos em escândalo nenhum, nem estamos envolvidos em negociatas nenhuma. E hoje esse Estado é mais credível do que ontem, não tenham dúvida, porque contra os factos não há argumentos.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Hoje São Tomé e Príncipe saiu da lista dos países considerados...

*Murmúrios do ADI.*

Deixem-me falar.

*Murmúrios do ADI.*

Ilustres Srs. Deputados, tenho todo o respeito por vós, quando os senhores falam não interrompo, nem faço gesto nenhum e pedia só a vossa cordialidade para ouvir, mesmo discordando, mas tenham a capacidade de ouvir.

Dizia-vos que nós hoje estamos fora da lista dos países de branqueamento de capital e de actividades consideradas terroristas. É um ganho.

Enviamos aqui para a Assembleia...

Quando os senhores se calarem...

Sr. Presidente, não consigo continuar.

*Ruídos da ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Meus senhores, peço maior compreensão dos grupos parlamentares do MLSTP/PSD e do ADI para que o debate prossiga em termos de serenidade. Os ruídos vêm desses dois grupos parlamentares. O Sr. Primeiro-Ministro está no uso da palavra, vamos ouvir. O direito de cada um dos Srs. Deputados poderem fazer uso da palavra está assegurado.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Vou prosseguir dizendo que hoje São Tomé e Príncipe está fora da lista negra dos países que eram propensos ao branqueamento de capital. É um ganho. Para dizer exactamente que temos estado a trabalhar afincadamente na recuperação da imagem deste Estado.

O receio infundado que dizem os senhores, porque o Governo terá tomado uma medida que pode prejudicar o relacionamento com Estados terceiros. Este receio é infundado, porque lemos aqui a carta, desculpem a carta não é da Empresa *Stena Oil*, Sr. Deputado Arlindo Ramos. Eu disse aqui em voz alta e em bom som que o pedido de desculpa formal ao Estado são-tomense foi feito pelos proprietários e gestores do navio *Marida Melissa* ao Estado são-tomense. Os navios eram propriedade de quem? Tanto mais que o indício de uma espécie de processo que vi na vossa rede social «Pinto da Costa é reu», os senhores regozijavam, pelo ódio mortal que têm ao Presidente da República, que ele era réu num processo. Isto não é verdade. Estou a dizer aquilo que os senhores não gostariam de ouvir. Os senhores provocaram um debate sobre uma matéria que os senhores não dominam.

**Uma Voz**: — O senhor tem que responder à pergunta.

**Vozes**: — Oh.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Está nervoso?

*Ruídos.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Deputados, agradeço o Sr. Primeiro-Ministro a retomar o seu lugar, porque vou tomar uma decisão. Vou suspender a sessão por 10 minutos e convoco os Srs. Líderes parlamentares para o meu gabinete.

*Aplausos gerais.*

*Eram 12 horas e 5 minutos.*

Srs. Deputados, está reaberta a sessão.

*Eram 12 horas e 50 minutos.*

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, espero que tenham entendido o objectivo dessa suspensão. Entendo que viemos cá para prestar um grande serviço à nossa democracia, onde o poder e a oposição têm espaço para discutir os assuntos da Nação, daí que gostaria de pedir aos Srs. Deputados que fizessem um esforço no sentido de permitir, educadamente, que cada um pudesse exprimir-se livremente no âmbito dos termos regimentais e num marco de educação e civismo de forma que os direitos e os deveres de cada um de nós aqui possam ser respeitados por todos.

Estou convencido de que temos a capacidade de assim agir. Peço apenas que ao se observarem que a Mesa esteja a conduzir mal os trabalhos, que façam interpelação à Mesa e não perturbem aquele ou aquela que estiver no uso da palavra. É o pedido que gostaria de fazer a todos, tendo em conta que estamos a passar uma mensagem para o exterior que pode influenciar negativamente o comportamento dos nossos concidadãos, particularmente dos nossos filhos, das crianças e dos jovens que gostariam de ver em nós melhores exemplos.

Peço também a cada uma e a cada um dos Srs. Deputados e ao Sr. Primeiro-Ministro que entremos no âmago da questão que nos trouxe cá, não obstante considerar que estamos num palco que costumo chamar de palco de assuntos de natureza política, onde a relação entre um assunto presente possa ter relação com um assunto passado, ou eventualmente com um assunto futuro, mas façamos isso tudo num quadro de grande elevação.

Sr. Primeiro-Ministro, peço desculpa por ter-lhe interrompido.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estava no uso da palavra, quando pretendia dar resposta a sugestões levantadas pelo Sr. Deputado Levy Nazaré, uma delas prendia-se com a preocupação do Grupo Parlamentar da ADI, relativamente ao nosso relacionamento com o exterior devido à questão dos barcos, e a segunda questão evocada por ele é a representação do Estado como assistente nos autos do processo sumário que levou à condenação dos capitães por actividades ilícitas nas nossas águas territoriais.

Como compreenderão, Srs. Deputados, faço apelo ao conhecimento jurídico do Sr. Deputado Levy, não posso de maneira nenhuma discutir nesta sede uma coisa que o Tribunal decidiu. Se a constituição do assistente, Dr. Pósser da Costa, como assistente dos autos fosse ilegal, cabia ao Tribunal, em sede própria, dizê-lo. Não venho a esta Assembleia questionar uma decisão que o Tribunal tomou. Peço imensas desculpas, mas esse argumento não colhe.

Relativamente ao trânsito em julgado da decisão judicial que evoquei aqui, quero dizer-lhe, para a sua tranquilidade, que enquanto representante do Estado são-tomense nesse processo, pedi às instâncias competentes, para saber exactamente se tinham esgotado todas as vias de recursos, para que o Estado, perante a eminência do perigo que existia, pudesse agir e foi-me confirmado que o processo tinha transitado em julgado. E tenho dúvida da questão da constitucionalidade eventualmente colocada, mas não é sede própria para discutirmos isso.

O que é verdade é que agi na base de uma informação considerada verdadeira sobre o trânsito em julgado da decisão. No entender do Governo, não houve a violação do princípio da separação de poderes, na medida em que esgotada a fase judicial, tal como temos nos conhecimentos públicos, abriu-se a via para se poder negociar com os interessados, em ocorrência a *Stena Oil*, os donos dos dois navios, *Marida Melissa* e *Duzgit Integrity*.

Relativamente à questão que coloca o Sr. Deputado Arlindo Ramos, não fiz alusão ao pedido de desculpa da *Stena Oil*. Fiz alusão ao pedido de desculpa formal, a retirada de todas as queixas que tinham sido apresentadas no Tribunal de Hamburgo, por aí fora, contra o Estado são-tomense, como condição *sine qua non* para que houvesse o acordo que foi feito com os proprietários do navio *Marida Melissa*. Alcançamos o acordo depois de termos aquilatado de que havia...

Perguntaram-me sobre a questão de autorização do Tribunal, tenho uma certidão, parece que já adivinhava a vossa legítima preocupação. Está aí a certidão, tendo autenticação, a questão foi com visto ao Ministério Público, eles pronunciaram-se, os autos foram para o juiz e no dia 8 de Agosto de 2013 o juiz tomou a decisão que tinha enunciado aqui: «Face à promoção do Ministério Público, defiro o pedido de folha 333 dos autos e ordeno ao Governo da República Democrática de São Tomé e Príncipe que proceda à venda do produto referido no requerimento acima citado e proceda ao depósito do produto da venda no Tesouro Público, juntado aos autos o respectivo talão de depósito como meio de prova do negócio realizado».

Sras. e Srs. Deputados, não fiz senão aquilo que vinha perante essa decisão. Não violei de maneira nenhuma nenhum princípio de separação de poderes e deixo esse documento ao Sr. Presidente para que os Srs. Deputados, caso queiram, possam se inteirar do seu conteúdo.

Sobre os procedimentos que segundo o Sr. Deputado Arlindo Ramos não tenham sido observados para entrada e saída de navios que vieram comprar a carga legitimamente vendida, para que o Estado são-tomense se visse livre desse risco de poluição, foram observados, os barcos entraram legalmente. Basta ver, porque não é o Governo que dá autorização para a entrada de navios. Fizeram o seu pedido e vieram na base do acordo. Porque há um acordo de compra e venda, há uma proposta feita ao Ministério das Finanças para a compra da carga, aliás houve duas propostas. Há uma que está em inglês, os Srs. Deputados terão a oportunidade de ter conhecimento dela, a empresa chama-se *Blue Skye* no dia 5 de Agosto de 2013 fizeram uma proposta ao Estado são-tomense e quando dissemos que não havia o certificado de origem e certificado da carga, recusaram-se a comprar a carga.

Uma segunda proposta na base do acordo que fizemos com os donos da *Marida Melissa* surge da parte da *Monjasa*, que é uma empresa nórdica, dirigida ao Sr. Ministro das Finanças, a propor a compra da carga e dizendo exactamente qual é a oferta que faziam. Este documento estará à disposição dos Srs. Deputados para dele tomarem conhecimento.

Para onde vai o produto? Vendemos para *Monjasa* e eles fazem do produto aquilo que quiserem. Portanto não sei exactamente, nem posso dizer. Sou mero vendedor, mas não sei se a *Monjasa* vai revender, não sei, para dizer que a *Monjasa* é a proprietária do produto que vendi. Tenho as quantidades, as transferências feitas na conta do Estado, os montantes e toda essa documentação que estará à disposição dos Srs. Deputados; as facturas emitidas, o montante do combustível que foi vendido, tendo sido deixado nos tanques do navio *Duzgit Integrity* a quantidade suficiente, porque o navio precisa continuar a funcionar, a ter energia e, depois de se alcançar o acordo, precisará sair de São Tomé e precisará de combustível. E deixamos a bordo a quantidade necessária para esse expediente. Tudo feito com clareza e todos os documentos sobre as quantidades que ficaram, tudo isso ficará à disposição dos Srs. Deputados, para tudo o que acharem por bem examinar sobre esta operação. O contrato de compra e venda, o montante depositado a favor do Estado, a multa paga ao IMAP e por aí fora.

Srs. Deputados, é o que se me oferece dizer-vos relativamente às questões que foram aqui apresentadas e muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Pinheiro.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Sr. Primeiro-Ministro, por acaso tomei nota de algumas explicações, de algumas informações sobre a questão que colocamos, mas o que me preocupa é saber da existência do certificado do produto a bordo e que o Sr. Primeiro-Ministro vem aqui dizer que não havia certificado de origem. Havia certificado de origem.

Não estamos aqui em guerra, queremos esclarecimentos. Qual foi a metodologia utilizada? Queremos informações, São Tomé e Príncipe precisa de informações sobre esses dois navios e toda a carga que é nossa, que é de São Tomé e Príncipe, e o Governo vendeu.



Houve algum concurso público? Houve oportunidade para que no mercado local os empresários pudessem concorrer?

*Risos.*

Houve algum concurso internacional?

*Murmúrios.*

Queremos explicações. Só sabemos que alguém comprou. Diga-nos como é que aconteceu. Os Tribunais deram autorização para fazer a venda, mas de forma que São Tomé e Príncipe ganhe, não é vender a qualquer preço.

O Sr. Primeiro-Ministro apresentou documentos, mas queremos que diga à Nação quanto custou cada tonelada desse combustível, vendeu a quanto e quanto conseguimos encaixar para o Cofre do Estado. Há vários preços e esses produtos têm um preço no mercado internacional. Queremos saber como é que a venda foi feita, não basta dizer que foi vendido. Pode ser que o Estado ficou prejudicado neste negócio. Queremos saber qual foi a metodologia. Embora houvesse riscos, as normas são para cumprir. O Tribunal não deu autorização para passar por cima das normas. É isso que estamos a reivindicar.

Há outra pergunta. Onde é que está o navio Marida Melissa? É propriedade de São Tomé e Príncipe, onde que está? Venderam o navio? Isso não foi dito aqui. O navio desancorou e está em parte incerta. Venderam ou a belo prazer devolveram.

Houve uma decisão judicial. Queremos a nossa Marida Melissa de volta.

*Risos e aplausos.*

É nosso navio, é nosso património, o que fizeram com o nosso navio? É esta a questão. Fico à espera da resposta.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Roberto Lombá.

O Sr. **Roberto Lombá** (ADI). — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Caras e Caros Deputados, muito bom dia.

Tomo a palavra porque acho que não me convenceu muito a explicação dada pelo Sr. Primeiro-Ministro, quando respondia às questões colocadas pelo Sr. Deputado Levy Nazaré e uma das questões é minha também.

Volto a pegar na questão do Dr. Pósser da Costa como assistente, porque acho e está escrito no Estatuto do Ministério Público que o Estado tem que ter um rosto visível e esse rosto visível do Estado é o Ministério Público e deve ser representado pelo Sr. Procurador-Geral da República. Também acho que estando a constituir o Dr. Pósser da Costa como assistente vai acarretar custos ao Estado, a não ser que seja um caso diferente.

Se o Estado tem o Ministério Público para responder por ele, não sei como aparece o Dr. Pósser da Costa como assistente do Estado. Não quero dizer que o Dr. Pósser da Costa não poderia ser advogado disso ou daquilo, mas como assistente do Estado gostaria que me explicassem.

Também não concordo com o indulto presidencial, porque daquilo que entendo o Presidente da República, no seu duto critério, pode indultar os crimes punidos pela lei dentro do artigo 80.º da Constituição, alínea f), como lhe é concedido por direito. O indulto presidencial recai sobre um caso julgado e já com decisão transitado em julgado, não é este o caso.

Há recursos pendentes no Tribunal e, por falar em recurso, gostaria que o Sr. Presidente da Assembleia, já agora, também me dissesse, porque tenho conhecimento que deu entrada no Tribunal Constitucional um recurso, visando a declaração de inconstitucionalidade das normas penais em que presumíveis arguidos foram condenados e o Tribunal já mandou notificar a Assembleia Nacional, na pessoa do Presidente da Assembleia, para se pronunciar sobre o caso enquanto órgão que emanou as referidas normas. O meu Grupo Parlamentar gostaria de saber se o Sr. Presidente já se disponibilizou para responder ao Tribunal Constitucional sobre esta matéria.

Dito tudo isso, para mim há preocupação, sim senhor. O Sr. Primeiro-Ministro veio e disse que o Governo pediu ao Sr. Presidente da República para indultar a pena. Se existe recurso nos Tribunais, quer dizer que o processo não está transitado em julgado e, se não está transitado em julgado, e o Presidente indultou, e daí? Estamos a avançar, dizendo que o Sr. Presidente cumpriu as regras, mas a meu ver as normas não estão cumpridas como deveria. Por isso, pergunto ao Sr. Primeiro-Ministro se os Tribunais foram ouvidos antes de se solicitar ao Sr. Presidente da República que indultasse as penas.

Deixo essas questões e espero que me gratifiquem com a sua explicação.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, deixe-me dizer-lhe que, se teve acesso à notificação do Tribunal Constitucional, sabe o que o Tribunal dizia ao Presidente da Assembleia. Primeiro, é uma questão que não tem nada a ver com este Presidente, foi uma decisão soberana da plenária, que alterou algumas normas, e o Tribunal Constitucional pedia ao Presidente para reagir, se o quisesse. O Presidente entendeu que não deveria reagir a isso e já comunicou ao Tribunal Constitucional que não tem nada a dizer sobre o assunto.

Tem a palavra a Sra. Deputada Izabel Domingos.

A Sra. **Isabel Domingos** (ADI): — Sr. Presidente, estou à espera da resposta do Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Delfim Neves.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Antes de mais, gostaria de esclarecer uma situação que ocorreu aqui na plenária aquando da suspensão da sessão, em que eu estive a conversar com o Sr. Deputado Hélder Paquete e ele, na sua maneira de ser, fazia gestos que não são muito comuns no meio urbano e as pessoas telefonaram para mim a perguntar se estávamos a lutar. Quero esclarecer que não estávamos a lutar, não havia nenhuma confusão, estávamos, pura e simplesmente, a conversar.

Sr. Presidente, quando nos foi convocado para vir a um debate parlamentar, estávamos convencidos que efectivamente havia um trabalho de casa para virmos participar num debate, mas aquilo que vimos assistindo desde o seu início até então na nossa perspectiva é que estamos a prestar um mau serviço à Nação, estamos a fazer muito mau uso do instrumento que temos que é o Regimento da Assembleia Nacional e das prerrogativas parlamentares que temos.

Não se trata de um debate, estamos aqui num âmbito de perguntas ao Governo. Desde início, Sr. Presidente, fiquei um tanto quanto espantado quando o senhor convidou o Sr. Primeiro-Ministro a intervir.

O debate foi requerido, esperava-se que os proponentes viessem fundamentar o requerimento e o que assistimos foi a leitura do requerimento. Então, que debate é este?

O Sr. Primeiro-Ministro, gostaria de cumprimentá-lo pela sua generosidade e paciência de vir aqui responder a estas questões, porque não houve nenhum fundamento para debate. E dizer-lhe, muito sinceramente, que do esclarecimento que prestou sobre essa questão em concreto acho que está mais claro, porque trabalhou com toda a competência e transparência neste processo. Os documentos que aqui mostrou, qualquer deputado que tenham mais dúvida poderá recorrer a essas peças e, senão lhe convencer, há outros mecanismos. Desde logo, mesmo na Assembleia Nacional, pode-se constituir uma CPI para analisar todos os documentos e senão satisfazer até mesmo recorrer de novo ao Ministério Público, mas não podemos estar aqui a cansar a população, prestando um mau serviço à população, a entreter o Governo, que devia estar a fazer outros trabalhos para suprir as grandes dificuldades que a Nação tem. Estamos aqui a gastar também alguns recursos do Estado, sem prestar o serviço que a Nação esperava de nós.

Sobre a matéria em concreto, Sr. Primeiro-Ministro, gostaria antes de mais felicitar a Guarda Costeira, Instituto Marítimo e todos os outros organismos que estavam envolvidos neste processo. E sobre isso pedir-lhe para apetrechar a Guarda Costeira e o Instituto Marítimos com meios capazes de darem respostas às situações e missões que serão chamados a cumprir.

Enquanto estamos aqui, porque não vejo mais matéria para discussão neste debate, depois da sua última resposta, gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer para não embarcar nos navios que já sabemos qual é o destino, conhecemos qual é o porto, sabemos quem é o comandante e não nos interessa ir para este porto.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O nosso porto, Sr. Primeiro-Ministro, é que o senhor arregaça as mangas e vá ao encontro de meios para apoiar as palaiês que hoje são na sua maioria chefes de famílias, apoiar os pequenos agricultores, os pescadores, os jovens que estão à procura do primeiro emprego e aqueles que têm iniciativa empresarial, aos coitados que ainda andam a lavar carros na rua como meio de subsistências, apoiar também os taxistas que têm carros obsoletos que precisam ser recuperados, ir à busca de solução para o nosso Hospital Central, mais medicamentos, mais reagentes, mais consumíveis, dar um tratamento à maternidade do nosso Hospital e também ao pavimento do próprio centro hospitalar. É isso que queremos que o senhor faça e quando for chamado para participar como passageiro num barco que não nos interessa, o senhor deve assumir-se como Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, que tem a missão exclusiva para dar resposta a grandes problemas que o País carece.

Quando citava os sectores, não se esqueça também duma franja da nossa população que vem gritando sempre e há que se pôr um ponto final nisso, porque não podemos estar todos os anos a ter gritos de um

sector que diz que ainda não lhes pagaram, que são os licenciados. Negociar com os licenciados e pagar de uma vez para sempre, porque os sucessivos governos não podem estar sempre a serem incomodados com o pagamento de uma indemnização que eles reclamam terem direito.

*Aplausos.*

*Aplausos do PCD e do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Dou a palavra ao Sr. Primeiro-Ministro, para responder a algumas questões que foram levantadas.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, creio ter esclarecido o suficiente sobre a questão dos Tribunais. Disse que solicitei ao Sr. Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, que me declarou que o processo tinha transitado em julgado. Tenho dificuldades em compreender que num processo em que não foi suscitado durante a Primeira Instância a questão da inconstitucionalidade, haja um eventual recurso à inconstitucionalidade...

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — No quadro do processo.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — No quadro do processo? Tenho dúvidas, mas estou a dizer-lhe que não é minha competência, sobretudo nessa sede, poder discutir a coisa jurídica. Estou a dizer-lhe que agi, porque fui informado que o processo tinha transitado em julgado.

Ponho-vos outra questão. Vocês disseram que não posso pôr questões, também gostaria de saber se quando recebo uma nota do juiz de execução de penas a dar conta de que os presos deviam ser libertos, isso quer dizer que toda a gente estava convencida e agiu, portanto, na base de que a decisão transitou em julgado. Se o juiz teria dito que não se liberta? Meus senhores, é apenas uma questão de boa-fé que digo isso. Não queiram interpretar, ou pelo menos fazer com que as pessoas, sobretudo a nossa população, fique com o pressentimento de que o Presidente praticou um acto inconstitucional, porque indultou pessoas que não eram indultáveis. Não é o caso.

Quero dizer aos Srs. Deputados, e já nesta sede, que quando lidamos com coisas do Estado é preciso termos alguma cautela. Uma coisa são as nossas querelas políticas internas e as nossas divergências, outra coisa é o interesse supremo do Estado. Não tenho o monopólio do interesse do Estado, ele está efectivamente nos órgãos do Estado, e a Assembleia é um dos órgãos do Estado.

Quando se dizia aqui sobre as condições da nossa cadeia, objectivamente falando, meus senhores, os senhores acham, em vossa alma e consciência, que se não temos condições para ter um estabelecimento penitenciário com alguma qualidade, a questão da cadeia, é uma questão imputável a este Governo de 10 meses de existência? É uma situação recorrente. O vosso Governo conviveu com essa situação e os outros também e temos que fazer uma nova cadeia e criar condições. Se mantivermos encarcerados alguém que não é nossa gente e que venha a perecer na cadeia? O embaixador turco foi a cadeia ver em que condições os cidadãos estavam detidos e os senhores estavam a dizer que temos que ter cuidado com as nossas relações com a Europa. É isso que chamo de «coerência». Portanto, não posso e não estou a ter nenhuma atitude demagógica. Estou a salvaguardar os interesses supremos do Estado, não do Governo, para evitar que alguém me venha dizer que os nossos juizes entenderam que os cidadãos deveriam ficar presos e cumprir a pena em São Tomé e Príncipe, mas não temos condições para que eles, por exemplo, não apanhassem o paludismo e não morressem. Portanto, «vamos exercer a protecção diplomática em relação a eles e vamos incomodar-vos». Meus senhores, quando dizemos que é preciso termos alguma cautela e não fazermos politiquices com coisas que são sérias, não é à toa, é no nesse sentido de exclusivo interesse do Estado.

Portanto, dei as explicações necessárias e convincentes relativamente à forma como o Estado agiu, tenho à vossa disposição os documentos todos sobre o processo de venda.

Falaram aqui sobre o concurso público. Meus senhores, com muito respeito, concurso público? Veio alguém aqui dizer, de uma forma simplista, que a carga tinha certificado. Meus senhores, estamos a brincar! A carga tinha certificado de origem?

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — O senhor sabe-o!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Tinha o certificado de qualidade?

**Vozes do ADI**: — O senhor sabe que sim!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Então conhecem a carga.

*Risos e aplausos do MLSTP/PSD, do PCD e do Deputado do MDFM-PL.*

Pode até ser de outra carga, mas aquela que conheço não tinha certificado de origem, nem o de controlo de qualidade. Tomamos cautela, temos imagens que, se os Srs. Deputados pedirem uma CPI, vamos dar. Foram tomadas todas as cautelas para preservar os interesses e a imagem do Estado são-tomense.

Quando o Sr. Embaixador da União Europeia me telefonou, o que é que ele me disse? «Sr. Primeiro-Ministro, esta questão é comercial, mas tratando-se de empresas europeias, gostaríamos que nos dessem explicação sobre o que se passou». Demos as explicações, a nossa embaixada em Bruxelas foi ouvida e mantivemos com o estrito rigor o cumprimento daquilo que um Estado sério deve fazer.

Sobre o concurso público, ia lançar um concurso público a dizer «São Tomé e Príncipe tem um lote de petróleo à venda, queiram vir e comprá-lo?»

*Risos do MLSTP/PSD, do PCD e do Deputado do MDFM-PL.*

Essas coisas não se passam assim, abonem-se das pessoas com algum conhecimento dessa matéria antes desse tipo de debate para não termos atitudes que podem ser ridículas. Compilamos todas as documentações, leiam o relatório que o IMAP endereçou ao Governo sobre o perigo que estávamos a correr. Estávamos a lutar contra o tempo e tentamos procurar pessoas que nos libertassem desta carga.

Alguém perguntou «onde é que está o nosso Marida Melissa»? Falei de um acordo que o Estado são-tomense, representado pelo Governo, negociou com os proprietários para que eles pudessem sair daqui. Quando me disseram que estavam esgotadas todas as vias judiciais, a questão tornou-se administrativa e agimos administrativamente. Isto é, sentamos para negociar.

*Murmúrios do ADI.*

Mas os senhores estão a dizer nas redes sociais que não negociamos. Negociamos e negociamos o quê? Disse aqui que pusemos condições para que devolvêssemos os barcos e não estamos sozinhos neste processo, hoje ninguém vive em autarcia. Fomos devidamente aconselhados justamente, dentro do quadro da preservação dos interesses do Estado são-tomense, que devíamos mostrar-nos de certa forma magnânimos e vou dizer porquê. Porque os entendidos na matéria, as pessoas que têm esses processos todos os dias, disseram-nos, «está bem, mas os donos dos navios têm dito que eles não fretaram o seu navio para esse tipo de operação». Há uma jurisprudência, segundo a qual quando o proprietário de um bem, pode ser um camião ou um veículo, não é cúmplice de uma actividade que acaba por saudar no confisco desse bem, ele pode provar a sua inocência e pedir ao tribunal para que lhe restitua o seu bem. As pessoas que nos assessoram de fora disseram-nos, «a melhor coisa que acho que vocês devem fazer, sobretudo para se libertarem a carga, é procurar negociar, salvaguardando a imagem do Estado são-tomense. Fiquem com a carga para cobrir, pelo menos parcialmente, a multa que lhes foi aplicada, mas libertem os navios».

Dissemos, quando iniciamos as negociações, que uma das condições era o pedido de desculpa e a retirada de todas as queixas contra o Estado são-tomense, para que negociássemos a libertação dos navios. É nesse quadro que Marida Melissa colaborou com o Estado são-tomense para que houvesse alguém para comprar a carga e zarpou-se.

O Sr. Deputado Arlindo Ramos, quando fez a intervenção aqui, disse o quê? Que a *Stena Oil* estava a dizer que o produto era extremamente perigoso e que São Tomé não tinha capacidade para poder lidar com ele. É verdade. Sozinhos, não conseguíamos fazer isso.

Meus senhores, não foi feito nada arbitrariamente! O que foi feito foi a preservação, volto a dizer, dos supremos interesses do Estado são-tomense e aquilo que se conseguiu arrecadar tem toda a documentação. Havia duas qualidades fundamentais dos produtos, essas duas qualidades tinham um preço, os senhores têm acesso à Internet, vejam o que diz quando se tem um produto sem certificados de origem e de qualidade, para poderem aquilatar validamente que a carga foi vendida ao desbarato.

**Vozes do ADI:** — Existe o certificado de origem.

O Sr. **Primeiro-Ministro:** — Se tiverem, confrontem-me com esse certificado. Vocês terão toda a factura e todo o contrato que foi feito para poderem fazer o controlo que entenderem, no quadro da fiscalização da actividade governativa.

Tenho dito.

*Aplausos do MLSTP/PSD, do PCD e do Deputado do MDFM/PL.*

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra a Sra. Deputada Isabel Domingos, para uma intervenção.

A Sra. **Isabel Domingos** (ADI): — Sr. Presidente, Srs. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Trago aqui uma questão clara e aguardo de facto que a resposta seja do mesmo modo. Não sendo a decisão do Tribunal negociável, como diz a nossa Constituição, no seu artigo 122.º n.º2, em que o Tribunal decidiu sobre a sentença de prisão dos capitães dos navios uma multa de 5 milhões de dólares e a confiscação dos navios e

das cargas, não posso deixar de lhe perguntar porque determinou que se iniciasse uma negociação sobre uma sentença estipulada pelos Tribunais

O Sr. **Presidente**: — Dou de seguida a palavra ao Sr. Deputado José Pereira, para uma intervenção.

O Sr. **José Manuel Pereira** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados. Em primeiro lugar, gostaria de dizer o seguinte: recorde-me perfeitamente bem, quase como se fosse hoje, em Agosto de 2011, quando fui empossado cá nesta Tribuna onde estou, no qual nós os Deputados fizemos passar uma imagem muito vergonhosa e muito má para o nosso povo que nos estava a assistir lá em casa, quando se tratava da decisão com relação ao ex-Deputado Sebastião Pinheiro. Hoje quero agradecer ao Sr. Presidente pela forma tão sábia e inteligente como conseguiu resolver a situação que estava praticamente na eminência de repetir-se. Sendo assim, acho que o mínimo que posso fazer é pedir desculpas ao povo são-tomense que está em casa a nos assistir neste momento.

Indo directamente ao assunto que nos trouxe cá, recorde-me perfeitamente bem que aquando da apreensão dos navios, isto ninguém me disse, porque felizmente tenho a oportunidade de estar conectado, tanto no *Tela Non* como ao Jornal *online* ADI Digital, em que vi e li muitas passagens no qual o partido ADI queria e tinha intenção de pôr o nosso país atrás do mundo com as suas declarações, indo mais longe e proferindo até que o nosso Estado é um «Estado pirata».

Há pouco o Deputado Pinheiro esteve cá e disse que quer o navio Marida Melissa de volta, porque é nosso. Aí fico sem entender! Mas quero que todo o povo lá em casa fique a saber que isso não passa de cenas apenas para distrair o povo. Fico sem entender, porque o Governo de então tomou uma decisão que achou ser correcta e nós temos prova disso, porque temos cá o documento que o Sr. Primeiro-Ministro veio cá ler, que é o pedido de desculpa formal por parte do dono do navio em causa. Se o dono do navio em causa vem publica e formalmente pedir desculpa ao povo são-tomense, é porque de facto viram que o Governo agiu na legalidade e eu não entendo como é que nós, enquanto são-tomenses, temos que ter a postura que temos. Feliz ou infelizmente é difícil entender isso.

Por último, gostaria de agradecer o Sr. Primeiro-Ministro e o seu elenco todo pela forma tão hábil como conseguiu resolver essa situação dos navios que estavam cá nas nossas águas porquanto o perigo era visível, era eminente e todos nós tínhamos consciência do perigo que isto podia acarretar para o nosso ecossistema, e desejar-lhes felicidades e forças, pois eu acredito que há muitas peripécias pela estrada e que tenham cuidado em lidar com essas coisas, porque são muitas que virão. Disto eu tenho certeza!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, eu quero aqui afirmar, nesta plenária, que o Partido ADI é um partido responsável e por isso cá estamos e cá estou eu para discordar daquilo que defendeu o Sr. Primeiro-Ministro, a sua posição ou a sua visão quanto à oposição. Já disse aqui um colega meu que nós não consideramos outros como inimigos. Somos adversários e é para isso que existe esse debate.

Não concordo com o Sr. Primeiro-Ministro quando diz que estamos a confundir o acessório e com o essencial. Isto é essencial. Permitam-me a redundância, teria dito o Deputado Levy Nazaré que isto perigou com a imagem do Estado são-tomense. Isto não é acessório.

Não fiquei satisfeito também com a declaração do Sr. Primeiro-Ministro, quando disse que sabemos as condições das nossas cadeias e por isso libertamos os estrangeiros. E os são-tomenses?

Também venho aí subscrever o apelo do Sr. Deputado Delfim Neves, para que o Governo possa pôr medicamentos nos hospitais, estrada da Trindade, abastecer as populações com água potável, pagar bolsas de estudo aos estudantes e quero apelar também ao Governo para queimar o arroz podre que está no armazém do Estado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Gostaria, em meu nome e em nome do Partido ADI, de também juntar a minha voz à de alguns companheiros Deputados e apelar ao Governo para continuar a reforçar as condições da nossa Guarda Costeira. É verdade que é um trabalho que vem dos sucessivos governos, em particular o XIV Governo, e que o seu Governo continue a ir muito bem, e pedir para que esforços sejam enviados para mais condições e que no próximo Orçamento de Estado de facto estejam verbas para permitir que essas forças possam garantir a segurança efectiva de um património nosso que já está mais do que claro que é cobiçado por muitos.

Gostaria também de lhe pedir, Sr. Primeiro-Ministro, porque as palaiês precisam, os motoqueiros precisam, os agricultores precisam, os pescadores precisam, os jovens desempregados precisam, não do arroz podre, mas do arroz do Japão. Temos informações que já há tentativas do partido PCD juntamente com a Câmara de Comércio para negociar o arroz do Japão e é por isso que eu lanço já um apelo ao Governo para prestar atenção a isso. Está aqui o Sr. Ministro do Comércio, muita atenção! Ah, não está presente.

Depois de dizer isso, gostaria de trazer aqui de novo, Sr. Primeiro-Ministro, a minha condição de jurista, como a sua também, mesmo estando num fórum político, para debater questões políticas que incomodam hoje a Nação, mas não posso deixar de fazê-lo como jurista. Daí que tenho que ler, para que as pessoas que estão em casa a nos ouvir percebam bem a minha questão. Sem querer, estou a bater na mesma tecla. O juiz, na sua decisão, invocou a artigo 104.º da Lei Penal e não vou ler toda a sentença do juiz, mas a mesma diz: «Ora, nos termos do artigo 104.º, número 1, Parte do Código Penal, declaro perdido a favor do Estado são-tomense os navios e toda a mercadoria». É a sentença do juiz, com base no artigo 104.º do Código Penal.

Diz também o decreto presidencial que indultou a pena, artigo 2.º: «O indulto ora concedido aos cidadãos estrangeiros Gulguen Jensis e Voltxenco Ielguem não prejudica a indemnização de perdas e danos que for devida nos termos número 3 do artigo 123.º, aplicável *ex vi*do número 3 do artigo 124.º do Código Penal», na redacção dada pela Lei número 6/2012, publicada no Diário da República número 95, de 6 de Agosto, aí é que é importante também, «não prejudica o desposto no artigo número 104.º do mesmo diploma.» Decreto presidencial assinado no dia 26 de Setembro por S. Exa. o Presidente da República Manuel Pinto da Costa.

Agora vou ler o que diz este artigo que o juiz decidiu na sentença e que o Presidente, no seu decreto presidencial, também fez referência, porque numa das suas respostas, o Sr. Primeiro-Ministro quis dizer que, e com toda a legitimidade, «eu fiz a minha parte e se os Tribunais fizeram mal não é por culpa minha. Pedi e os Tribunais me deram e eu agi em conformidade». É uma forma de afastar o problema, «eu fiz de acordo com aquilo que o Tribunal decidiu», mas o senhor é jurista também, e eu digo isto sem querer voltar ao assunto, porque não é de hoje a questão. Toda gente leu e não vou aqui repetir aquilo que disse sobre os Tribunais na sua proposta de Conselho Nacional de Justiça.

Vou ler o artigo 104.º, número 3, para todos ouvirem. Diz o artigo 104.º número 3 do Código penal que a decisão foi tomada e fez referência e que o decreto presidencial também fez referência. «Os objectos declarados perdidos a favor do Estado são-tomense, a que a lei não fixa destino especial e têm valor económico, são vendidos logo que transitada a decisão final, em leilão anual a organizar pelo juiz presidente do Tribunal, devendo o produto da venda reverter para um fundo próprio dos serviços prisionais.» É isso que diz a nossa lei penal, que eu como todos os Deputados juramos defender a Constituição e as leis, e penso que o Sr. Primeiro-Ministro também. Por isso é que lhe pergunto aqui como jurista e também como político, isto é que diz a nossa lei penal e que fez referência e bem à decisão do juiz e ao decreto presidencial, então como é que não se cumpre?

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Permita-me recordar aos Srs. Líderes Parlamentares, por uma questão de gestão do tempo, que o Grupo Parlamentar do ADI tem ainda 58 minutos e 51 segundo, o MLSTP/PSD tem 57 minutos e 81 segundos, o Governo tem 26 minutos e 76 segundos, o PCD tem 25 minutos e o Deputado do MDFM mantém intacto os seus minutos.

Tem a palavra a Sra. Deputada Elsa Pinto.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Membros do Governo, Sras. e Srs. Deputados: Eu não resisti e estou a usar da palavra.

Queria juntar a minha voz à dos que me antecederam para felicitar S. Exa. o Primeiro Ministro por ter aceite este debate e estar aqui hoje connosco, porque num passado muito recente não era assim.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Reiteradas vezes solicitamos debates e sessões de perguntas, tanto insistimos que o governo teve que se espraçar devido a sua arrogância.

Queria também felicitar S. Exa. o Primeiro-Ministro pelos ganhos registados. Não é qualquer coisa sair da lista negra dos países não cooperantes.

**Voz do ADI**: — Estamos a falar de barcos.

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sr. Deputado, quem procura acha.

Aqui e nesta Assembleia despendemos argumentos relativos ao interesse que fazia o País sair desta lista negra. Credibilizamos o País, renovamos a imagem do País e ele só ganha, os são-tomenses ganham e todos nós ganhamos.

Um outro facto que merece elogio tem a ver com a nossa participação na feira turística em Angola. Se nós fossemos diferentes, cada são-tomense estaria a falar disso. Eu vejo noutras paragens que quando se regista um ganho, encharca-se a população com esses ganhos. Nós preferimos difundir o que é mau e esconder o que é bom.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Srs. Deputados, sobre esta panóplia dos barcos, é preciso ter memória, é preciso ter responsabilidade e é preciso ter honestidade. Eu marco três momentos importantes na panóplia dos barcos: as operações que antecedem a captura, a captura e a decisão judicial e as diligências do actual Governo, que visam a defesa e salvaguarda dos interesses nacionais. Se eu faço esta divisão, é porque o povo lá precisa entender que num belo dia nós vimos os barcos atravessarem o nosso horizonte e todo são-tomense, de qualquer origem que seja, questionou a presença de barcos. Tanto questionou que a questão transformou-se numa questão quase de interesse nacional e então solicitamos ao governo de então informações sobre os barcos. Inicialmente negaram informações, depois vieram dizer que era o Sr. Jorge Amado, isto quer nas redes sociais, quer no panfleto do ADI «Explicar Sem Complicar» que era Jorge Amado que tinha o negócio dos barcos, mas depois quando insistimos num debate sério, porque tínhamos provas irrefutáveis de que inclusive o líder que era chefe do governo tinha estado naqueles barcos, e temos até hoje essas provas, debate nos foi negado.

Sr. Primeiro-Ministro, é com muito apressado que vejo aqui a sua presença.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Esta é a primeira fase dos barcos.

A história dos barcos continuaram a ensombrar o nosso quotidiano, tanto ensombrou que a Guarda Costeira, numa sua acção legítima, teve que capturar barcos, porque os barcos estavam a violar a lei da República. Eram barcos piratas que estavam a fazer operações ilícitas nas nossas águas. Para aquele cidadão que está lá fora e que não entende nada, é como se fosse um taxista que de repente carrega gente que não deve ou que deixa o seu carro no meio da rua e o Estado tem que agir. Então, há equipa de trânsito que prende o carro, dá multa e faz o que tem que fazer.

Ora, eu li o pedido solicitado pelo Partido ADI, que é legítimo, sobre a realização de um debate de urgência sobre esta matéria, mas fiquei desapontada pela forma até como constroem este debate, porque existe uma contradição entre o pedido e a causa de pedir e aqueles que são juristas entender-me-ão, porque colocam perguntas. No corpo do documento eu vejo a essência do debate, mas na pergunta que fazem extravasam completamente o âmbito da causa do pedido.

Sr. Deputado Levy, respeito-o pela garra de um jovem quadro político com futuro promissor, mas tenho que registar uma nota e é sobretudo pelo seu mutismo, para o são-tomense que está lá fora, é o seu silêncio durante a primeira fase desta história. Na primeira fase desta história, o Sr. Deputado Levy e alguns deputados estavam *mumos*. No nosso crioulo forro, *sum dá bóca sábi* e agora, *sum dá bóca manivela*.

*Aplausos e risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Outra questão que não estou a entender nessa demarche é porque nós temos dois grupos que estão em disputa. Um grupo é o Estado são-tomense, representado por este Governo e que podia ser outro governo, e outro grupo que são os marginais que atentaram contra as leis da República e o Governo está a fazer tudo para defender o Estado são-tomense. É impressionante a forma como construímos a opinião pública. Se efectivamente devia haver um debate, ele devia ser antes, porque construímos opinião pública num sentido e agora fazemos um debate. O debate chega tarde, porque efectivamente as pessoas têm uma opinião e estão completamente atordoadas pelo encharcamento e por uma série de informações. E o que está a acontecer hoje é quase como que o ofendido que é o culpado. O ofendido é que é o réu e a vítima é que é a culpada. E quando eu ouço a pergunta do Sr. Deputado Lombá, fico mais preocupada ainda. Mas porque é que o Sr. Deputado Lombá está preocupado? Está preocupado porque as normas são inconstitucionais e devíamos proteger esses marginais, esses ladrões que usaram o nosso Território e as nossas águas para traficarem petróleo?

*Aplausos e risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

A Sra. **Elsa Pinto** (MLSTP/PSD): — Sras. e Srs. Deputados, é preciso que o povo saiba que o Governo tinha que agir. A omissão podia ser pior que a acção. Repito, o Governo tinha que agir. Os barcos ficaram aqui e alguém ganhou dinheiro com os barcos e, Sr. Primeiro Ministro, por favor, tem que falar tudo. No dia 14, no debate sobre o estado da Nação, disse algumas coisas e precisa repeti-las. Quem ganhou com os barcos? Naquela altura, se dizia que o dinheiro é capim, mas não era dinheiro para o povo! Acordos foram assinados. A pergunta que eu deixo a quem sabe dos acordos é: já houve alguma tentativa de rescisão desses acordos? Já houve alguma denúncia? Porque se o acordo foi assinado e engaja o Estado e pouco importa o governo, quer seja na calada da noite quer seja à luz do dia, os acordos existem e ficam para a posteridade. É um assunto sério!

Uma série de circunstâncias levaram o Governo a agir, sobretudo o temor à carga. Nós temos navios nas nossas águas que são infractores e que têm uma carga perigosa com alto índice de perigosidade que

podia provocar derramamento, desastre ecológico, e etc. O Governo tinha que agir e eu acho que é quase como dilatório ou diversivo trazer as questões ligadas ao fórum judicial. No fórum judicial, há uma regra: aqueles que estão inconformados recorrem. No fórum judicial, se não se obedeceu o pressuposto na 1.<sup>a</sup> Instância, o recurso sobe para o Supremo, mas aqui na Assembleia não temos como. O Sr. Primeiro-Ministro é o Governo. Então, onde é que estava o juiz quando recebeu o processo do Ministério Público para ver se estava tudo organizado para ter audiência de julgamento? O juiz é que tinha que fazer isso, porque isto é um trabalho preliminar. Não é a defesa e não são outras partes. Se as partes estão notificadas, faz-se o julgamento e julga-se.

A questão dos capitães. Nós, um pequeno país insular com problemas hoje de financiamento, com dificuldades, que elegemos o pacto de uma convivência pacífica com outros estados, temos esses incidentes que não são da nossa culpa, porque eles vieram para nosso terreno e capturamos esses indivíduos. Houve uma sentença e foram julgados, condenados e efectivamente estão no estabelecimento prisional. Por acaso a lei até diz que se deve cumprir a pena e depois de cumprir a pena, se não houver pena sancionatória e outras penas, é que se manda para fora o delincente. No meio disso há uma série de entorse, uma série de coisas que acontecem pelo caminho.

Exactamente como o juiz pode condenar, o Presidente da República pode indultar e a Assembleia pode amnistiar. São prerrogativas de cada órgão. O indulto, por mais que nós queiramos, foi feito no estrito cumprimento da lei e o Presidente trouxe fundamento para o indulto. O Sr. Primeiro-Ministro disse que efectivamente sobrepesaram razões de natureza humanitária. Nós somos são-tomenses e se verdadeiramente somos Deputados estamos a representar o povo e sabemos como é que está e não é fazer apologia de tratamento desigual. Temos que ter responsabilidades nessas coisas. E quando somos Estado, porque o deputado é Estado, temos que saber como é que lidamos com a questão do Estado. Há países com os quais não temos acordos judiciais para reclamar a regra da reciprocidade em termos de tratamento carcerar, mas sabemos que esses cidadãos são provenientes da União Europeia e que hoje as prisões têm aquelas regalias declaradas como a cadeias A, A, A.

E então, a minha pergunta é a seguinte: se esses indivíduos que não têm imunidades e que entram nesse sistema que nós sabemos que é um submundo, e espero que nenhum de nós possa passar por lá, contraem uma malária morrem, não será a emenda pior que o soneto? Com responsabilidade, com fé, se estamos a trabalhar para este povo, a emenda podia ser pior que o soneto. Eu acho que o Sr. Presidente agiu de forma responsável. *Milhõ sum fô dôquê sum legámu*. Nós tivemos situações de liberianos, de nigerianos no passado e tivemos muitos outros problemas. Só quem não governou esse país não sabe. Não por serem estrangeiros. Acho que a questão dos capitães, mesmo que voltemos a mil perguntas sobre a questão judicial, penso que ela foi tomada e tomada com responsabilidade.

Relativamente aos navios, na minha opinião e é opinião de algumas pessoas que têm algum conhecimento sobre a matéria, o que é que o Estado pequeno são-tomense faz com esses barcos? Vai vendê-los? Que Estados estarão interessados em comprar esses barcos? E há quem diga que mesmo o Tribunal nunca devia ter declarado confiscados os barcos, na medida em que nós sabemos os custos de manutenção que têm estes navios para o Estado são-tomense.

Não estamos aqui para ajuizar sobre a decisão do Tribunal. O que é que se encontrou? Encontrou-se um quadro negocial. É isso que o Sr. Primeiro-Ministro disse. Um quadro negocial. Após transitado em julgado, iniciou-se um quadro negocial. Essa opinião, Sr. Deputado, eu já conheço e trago a minha. Podemos estar discordando até ao fim do mundo acabar. Foi essa solução encontrada. Na rua era assim, vai-se vender para Angola? Vai-se vender para não sei o quê? Vai-se vender para a Guiné Equatorial? Como é que a gente vai fazer esses barcos? Porque não sei quê! Olha, quando chegar a chuva, como é que se vai fazer? Os barcos virão dar à costa. Era um grande problema para este país. Bem-haja e graças a Deus os barcos que vão em nome do senhor e nós ficamos na nossa calma!

Eles pagaram a carga e o que temos que fazer, Sr. Primeiro-Ministro é deixar ficar aqui os documentos para os Srs. Deputados verem todos os documentos, todos os dinheiros. Dinheiro não é coisa que a gente diz alto. Venham ver no papel. É bom, porque quando negociaram o primeiro acordo de que 60 e 40, não disseram ao povo são-tomense quanto é que eram os 60 e quanto é que eram os 40, porque ninguém podia saber. Só ficou mesmo no seio do ADI.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Vou terminar para não ser longa.

Perante a inexistência de documentos da primeira fase, porque eu já disse que três fases marcaram esse processo, o País continua na obscuridade sobre esta matéria e penso que a Assembleia devia solicitar ao Ministério Público uma abertura de inquérito para averiguar as circunstâncias dessa relação negocial.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*



Aqui na Assembleia temos os nossos instrumentos que são democráticos e regimentais, e devíamos ouvir os ministros que tiveram envolvido nesta primeira fase negocial, para saber que ganhos ainda São Tomé e Príncipe poderá tirar. Ainda poderemos talvez ter ganhos e isso é que nos interessa.

E o terceiro, para terminar, incentivar o Governo a prosseguir de forma responsável com as diligências com vista à conclusão exitosa deste processo. Todo o resto, Sr. Primeiro-Ministro, pode escrever, porque é política e manobra diversiva, e eles sabem nos entreter.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Talvez fosse conveniente clarificar a sua proposta de uma forma mais precisa, se é uma proposta ou se é apenas uma declaração.

Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Ramos.

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — Sr. Presidente, primeiramente, gostaria aqui de expressar que nós não somos inimigos de ninguém e nem estamos contra ninguém. Somos todos são-tomenses e se não fossemos são-tomenses não estaríamos hoje como Deputados.

Eu quando disse, na minha intervenção, que o nosso único objectivo ao requerer esse debate era que o Governo esclarecesse todos os contornos que estiveram à volta da negociação encetada com os donos dos navios, esse é que era o nosso objectivo, mas há algumas que o Sr. Primeiro-Ministro disse, por exemplo, que a carga a bordo do navio Duzgit Integrity tinha origem desconhecida e não possuía um certificado de origem, para não dizer outra coisa, eu diria só que, ou o Sr. Primeiro-Ministro está a par de toda a documentação aprisionada a bordo pela Guarda Costeira, ou não está. Porque eu tenho aqui o certificado de origem do combustível a bordo do Duzgit Integrity e tem a data de 8 de Março.

*Aplausos do ADI.*

**Uma Voz do MLSTP/PSD:**— *Afinal a carga é vossa! Onde é que surgiu esse documento?*

*Murmúrios gerais.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI):— Eu começo a minha intervenção, dando sequência àquilo que o Sr. Primeiro-Ministro disse no início da sua intervenção. O Sr. Primeiro-Ministro disse que estava à espera de um debate não sobre o barco, mas sim sobre os problemas que assolam o País. Na sequência dessa afirmação, gostaria de perguntar ao Sr. Primeiro-Ministro se era leigo, quando se predispôs a aceitar o cargo. O senhor não sabia das dificuldades do País? Pelo que sabemos, de ignorante o Sr. Primeiro-Ministro não tem nada. O que sabemos é que o Sr. Primeiro-Ministro também já ocupou vários cargos políticos neste país. Pergunto ainda se o Sr. Primeiro-Ministro não tinha noção da necessidade de estabilidade que este país precisava após a eleição de Agosto de 2010.

Embora tenha ouvido um discurso muito bonito da Sra. Deputada Elsa Pinto em relação aos reclusos que foram libertos da nossa cadeia, a minha indignação é pela forma como o Sr. Primeiro-Ministro se pronunciou sobre os nossos concidadãos que também andam nessa nossa cadeia. Não gostei da forma, porque é um direito que também cabe aos nossos concidadãos e, pelo visto, aos cidadãos do mundo. Qualquer cidadão deve ser bem aconchegado na cadeia. E para perguntar ao Sr. Primeiro-Ministro, se a nossa cadeia hoje não tem condições, quem são os culpados?

Quem foram os governantes deste país anos e anos após a independência? Nesta ordem de ideia, o Sr. Primeiro-Ministro simplesmente fez a separação do cidadão são-tomense e privilegiou o cidadão estrangeiro. Volto a frisar, com todos aqueles argumentos que foram aqui ditos, são nossos conterrâneos, nossos irmãos são-tomenses que andam nas nossas cadeias a sofrerem e essa forma de vir aplaudir, de elogiar este gesto, denigrando os nossos concidadãos, deixou-me bastante indignado.

Na intervenção do Sr. Deputado José Viegas, dizia que não se lembrava de, na nossa República, os dirigentes saírem com documentos. Quero aqui lembrar e responder ao Sr. Deputado...

Eu também vou pedir uma salva de palmas do meu grupo parlamentar aos elementos da Guarda Costeira.

*Aplausos do ADI.*

Gostaria de dizer ao Sr. Deputado que não está em causa a atitude dos nossos homens da Guarda Costeira. Não. O debate aqui hoje debruça-se sobre a negociata que houve com a venda da carga que estava a bordo, pura e simplesmente. Os nossos elementos da Guarda Costeira devem ser aplaudidos como os nossos paramilitares, militares, polícia, todo o elenco, toda autoridade pública que vem, embora com dificuldades, zelando pelo bem-estar da nossa Nação.

Também para poder dizer que ouvi aqui com muita atenção o Sr. Deputado Rafael Branco que felicitou o Sr. Primeiro-Ministro por ter sempre se disponibilizado a aparecer na Assembleia. Eu quero aqui dizer aos Srs. Deputados, e em particular ao Sr. Deputado Rafael Branco, que eu também viria sempre a esta Assembleia se tivesse a capacidade de desvio, a capacidade de não poder responder às perguntas e se tivesse essa capacidade de falar do nosso Primeiro-Ministro. Viria tantas e tantas vezes quisesse. Os cabo-verdianos dizem, bazofaria.

O Sr. **Roberto Lombá** (ADI): — O Sr. Primeiro-Ministro é bazofo.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI):— Não é isto que queremos. Eu também viria se tivesse essa bazofaria do Sr. Primeiro-Ministro, essa falácia, esse dom, esse poder e talvez por ser jurista e advogado. Mas um bom advogado não deve ser só bazofo, deve também mostrar serviço à Nação.

O Sr. Deputado Rafael Branco falou ainda da continuidade do Estado. Não sei se o Sr. Deputado está cá, mas depois houve gravação. Eu queria aqui fazer acordo com o Sr. Deputado e que esse acordo seja vincado a partir da próxima eleição. Este acordo seria que os Srs. Deputados deixassem trabalhar o governo que ganhar as eleições em Julho próximo até terminar o seu mandato. Então terão todos os dossiers, todos os documentos que qualquer um de nós solicitar.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado pode continuar a fazer uso da palavra, caso queira, porque tem ainda tempo, mas faça-o em concertação com as orientações do seu Grupo Parlamentar.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI):— Só para terminar, dizer também que o Sr. Primeiro-Ministro disse que temos ludibriado o povo e diz que temos feito com que não vem ajuda externa para o nosso país. Queria perguntar-lhe, mas muito honestamente, não lhe dá vergonha de dizer isso? Como é que uma única pessoa consegue fazer com que não venha investimento para um país que tem um governo? Isto é uma vergonha! Uma única pessoa ou 26 Deputados do ADI está a impedir que a ajuda venha ao país? Eu teria vergonha de dizer isto, sendo governo. O senhor é governo. Como é que isso é possível?

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, estamos a fazer uma experiência, mas vou pedir aos Srs. Deputados que façam uma leitura do ponto 3 do artigo 88.º, porque estou a chegar à conclusão que o que nós adoptamos não está a facilitar. Portanto, temos poucos oradores.

Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Eu havia feito uma pergunta ao Sr. Primeiro-Ministro e espero que responda. Tema a ver com o artigo do Código Penal que eu aqui li, o que diz claramente o mesmo artigo e a decisão que se tomou. Nós ouvimos aqui com muita atenção a Sra. Deputada Elsa Pinto, por quem também tenho alguma admiração como política. Quis aqui dizer, quanto aos capitães, que é preciso que sejamos responsáveis, porque somos um país insolar que vive de ajuda externa e tudo isso, para termos cuidado com os estrangeiros na nossa cadeia, porque conhecemos a nossa cadeia.

Nós podemos apanhar paludismo, malária e podemos morrer na cadeia e o estrangeiro não. Resumidamente, é isso que eu quis dizer. Até fazendo um esforço posso concordar, mas o que gostaria de perguntar é: houve um julgamento e nele o Governo, que se deve preocupar com a questão internacional do Estado são-tomense, que é pequeno e insolar, estava representado por um assistente que é o Dr. Pósser da Costa, porque é que esse assistente, que está a representar o Estado são-tomense não pediu lá no Tribunal para não meter os senhores na cadeia? Resolveria esse problema todo. Porque é que se condena uma pessoa, mete-se a cadeia e depois vem pedir o indulto?

Era melhor não lhes meter na cadeia. Os bens viam para nós, mas como não podem adoecer o paludismo, então iam-se embora. Resolveria esse problema todo. Isso é incoerência intelectual, a incoerência política, diz uma coisa mas faz outra. Quando a coisa deu *banzé* é que agora inventaram uma artimanha jurídica para tirar os senhores. Vamos falar claro! Eu não falo o crioulo, eu falo o português. Eu sei falar crioulo, mas aqui falo o português de uma forma clara para as pessoas perceberem.

*Aplausos do ADI.*

Porque todo povo está a escutar o que estou a dizer. Por isso é que eu gostaria de perguntar se esse representante do Governo até nas negociações não sabia que a cadeia tinha problemas, antes do julgamento. É essa questão e por isso é uma falácia de facto como o meu colega aqui disse.

Peço também a indulgência da Sra. Deputada Elsa Pinto como jurista também, com provas dadas nesse ramo do saber. O Sr. Primeiro-Ministro disse que houve um despacho do juiz que autoriza a venda do combustível e agora gostaria de ler aqui um artigo da Constituição que todos nós conhecemos, porque quando tomamos posse fazemos um juramento. Artigo 69.º da Constituição da República, «Princípio de separação e interdependência de poderes». Não vou ler o número 1, o importante é o número 2. Com muita atenção, escutem o que diz a nossa Constituição: «2. Nenhum órgão de soberania, de poder regional ou

local, pode delegar os seus poderes noutros órgãos a não ser nos casos e nos termos expressamente previstos na Constituição e nas leis». O Sr. Primeiro-Ministro também representa um órgão de soberanias que é o Governo. Logo, devia conhecer a Constituição e, mesmo que o juiz lhe tenha autorizado, o senhor não pode delegar essa competência que é dos Tribunais.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Xavier Mendes.

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD): — Sr. Presidente, antes de mais gostaria de felicitar o Sr. Primeiro-Ministro por duas razões. Primeira, por ter vindo a este debate sobre a questão dos navios, tendo em conta que o seu antecessor fugia desta bancada onde o senhor está como o Diabo foge da cruz.

*Risos do PCD e do MLSTP/PSD.*

Segunda, para o felicita também pela forma como lidou e tem lidado com esse processo dos barcos, com determinação, e espero que essa determinação seja abrangente a todos os sectores, em que a população mais carece da intervenção do Governo, como foi dito aqui pelo companheiro Deputado Delfim Neves. Tem que ver esses sectores com a mesma dinâmica com que interveio nas questões dos barcos. É com essa determinação que deve intervir para solução dos problemas que abrange o País.

Este debate, Sr. Primeiro-Ministro, Sr. Presidente, no nosso entender, não tem razão de ser. É mais uma tentativa dilatória para desviar o povo das acções da governação. Todos sabemos, através dos órgãos da comunicação social, o que se estava a passar com os barcos, mas para desviar a atenção da nossa população inventaram este debate parlamentar.

Sobre o que se passou cá, Sr. Primeiro-Ministro, eu gostaria somente de citar alguns pontos proferidos.

Não é pela primeira vez que o ADI levanta a questão dos concursos públicos. Tudo é concurso público, mas efectivamente, se houve governo que mais fez adjudicações directas foi o governo do PCD...

*Aplausos e risos do ADI.*

Por um erro, olhem a palhaçada! Parece que estamos num ateneu.

O governo que mais fez adjudicações directas foi o XIV Governo Constitucional, liderado pelo ADI e pelo seu líder Patrice Trovoada.

Quanto à questão dos advogados, já fui ministro da Agricultura neste país e, por pouco tempo, de Energia e Recursos Naturais e fiz muitas negociações, mas nunca solicitei nenhum concurso público para os serviços do Dr. Varela. Dr. Varela andou comigo na administração da AGRIPALMA; andou comigo nas negociações com os líbios, em Monte Café; andou comigo nas negociações de 30 000 barris de petróleo; andou comigo nas negociações, assessor jurídico da EMAE. Estão aqui antigos directores da EMAE, houve algum concurso público? Meus senhores, sejamos sérios!

Por último, Sr. Primeiro-Ministro, sobre os acordos e contractos do Estado em poder de outras pessoas, lembro-me duma palestra do professor Dr. Jorge Miranda, em que esta questão foi abordada. É um crime ter na sua posse documentos, acordos e contracto do Estado. Sr. Primeiro-Ministro, aqui desta Tribuna, exorto o Ministério Público para chamar todos os governantes do XIV Governo para apresentarem os documentos do Estado em seu poder.

Por fim, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, dando continuidade ao apelo que foi feito por alguém, gostaria que se devolvesse o campo de futebol clube da Trindade e os 500 milhões de dobras que se deve ao Estado.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD): — Não consigo admitir a forma leviana como o PCD foi aqui anunciado. O PCD tem um porta-voz e não precisa mais de nenhum porta-voz, mas infelizmente é a maneira como o ADI faz política. É só pôr carvão nas pessoas, é só com mentiras, é só com calúnias. Francamente, sejam mais responsáveis!

*Aplausos do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Gostaria de chamar atenção aos Srs. Deputados, porque está havendo muitas intervenções de mesmas pessoas. Pedi de início alguma compreensão e fixamos o tempo e vamos respeitá-las sim mas gostaria de ter alguma compreensão para não haver repetições. Tem a palavra o Sr. Deputado António Ramos.

O Sr. **António Ramos** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, eu geralmente tenho o hábito de escutar e depois tirar algumas conclusões ou tentar ajudar algumas pessoas. Eu não sei quantas vezes se tem tentado falar que não houve concurso público e eu, tantas vezes, já ouvi o Sr. Primeiro-Ministro dizer que

não existe nenhum documento que prove a proveniência do certificado. Quero também falar para a nossa população, como muitos dizem que querem falar para a população. Quero dizer à nossa população que para haver concurso tem que haver um certificado. Se eu estou a vender uma camisa que não sei a proveniência, não posso vendê-la a um determinado valor.

Há outra questão que foi levantada aqui que é da cadeia central, dos presos e uma série de coisas. É verdade que os países nórdicos gastam muito dinheiro na assistência social e por isso há condições na cadeia desses países. Acho que nem 5% da população normal, altos funcionários, têm condições que um preso tem nesses países. Eu posso fornecer dados sobre quanto é que se gasta com um recluso nesses países. E se nós estamos a falar que biologicamente temos maior resistência ao paludismo em relação a eles, é uma verdade.

Dizer aqui que estamos a defender os europeus e não estamos a defender os nossos, não corresponde à verdade. Podem contactar o comandante da polícia, tem aparecido pessoas no comando, pedindo para ficar na cadeia, porque não têm como se alimentar. Já houve casos desses. Como é que nós vamos lidar com essa situação? E por isso não venham aqui dizer que estamos a soltá-los por serem europeus e estamos a deter os nossos. O nosso nível de vida e os nossos meios são totalmente diferentes da Europa. Era só isso e só um pequeno retoque.

O Sr. **Presidente**: — Quería avisar aos Srs. Deputados que são 2 horas e 39 minutos e temos ainda alguns inscritos. Temos assim duas soluções, ou fazemos um intervalo para que os Srs. Deputados retemperem as forças ou então vamos ser forçados a limitar um pouco as inscrições. Srs. Líderes Parlamentares, consultem os vossos respectivos grupos parlamentares se devemos ou não encerrar às 15 horas.

Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Ramos.

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — Sr. Primeiro-Ministro, uma das questões que vieram à baila com esse acontecimento de barcos é a não regulamentação das convenções que nós aderimos. Já ratificação as convenções, estou a falar da regulamentação. Eu digo isso porquê? Temos algumas convenções que devem ser regulamentadas. O país tem que ter um regulamento que explique bem aquilo que está na convenção. Falo principalmente das Convenções de Soleil e de Marpol.

Portanto, há questões técnicas que eu não estou na disposição de poder aqui fazer ver, mas é um conselho que dou. Não estou a fazer uma intervenção de crítica a acção, mas de um conselho para que nós melhoremos e que evitemos casos desses no futuro.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Alcino Sousa.

O Sr. **Alcino Sousa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e seu elenco, Srs. Deputados: Por razões de tempo, vou encurtar a minha intervenção, sobretudo proferir algumas palavras que se predem com a minha estupefacção pela forma pouco condigna como certos Deputados agem nesta honrosa Assembleia. Acho que estamos a lesar os supremos interesses da Nação.

A certa altura fiquei sem perceber, para o cidadão comum parecia que estavam cá o Estado são-tomense e os representantes ou os donos dos navios apreendidos e, depois de S. Exa. o Primeiro-Ministro anunciar que, estes sim, enalteceram a atitude do Governo são-tomense e pediram desculpas, fiquei com a impressão de que o Grupo Parlamentar do ADI evoluiu, mas numa perspectiva diferente. Fiquei sem saber se queriam o anulamento do julgamento e muito posteriormente, só com a intervenção do Deputado Carlos Correia, percebi que o interesse que tinham no debate era saber quais os procedimentos para a venda da carga do navio.

Meus senhores, nós, sobretudo os partidos que têm vocação do poder, temos que ter mais sentido de Estado...

*Murmúrios do ADI.*

...sentido de Estado falta-nos!

Durante muito tempo entramos em paliativos, falando do indulto, forma e argumento do indulto. Meus senhores, apesar de nos argumentos do indulto S. Exa. o Presidente da República referir-se a questões humanitárias, será que não percebemos que estão em jogo questões muito mais profundas? Não percebemos que o sentido de Estado impediu que ele se referisse a aspectos geopolíticos e a questões de interesse meramente económico de São Tomé e Príncipe? Acho que todos entendemos isso!

Para terminar, Sr. Presidente, queria aqui exortar a todos os distintos Deputados de todos os grupos parlamentares, para que possamos, em primeiro lugar, honrar esta augusta Assembleia e, em segundo, honrar de facto o povo que nos elegeu, de modo que passemos a nos comportar de forma mais condigna. Portanto, comportem-se, Srs. Deputados!

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Carlos Correia, manda o Regimento que o Sr. Líder do Grupo Parlamentar do ADI ou alguém que o represente faça o encerramento do debate, mas gostaria, antes de encerrarmos o debate, de dar a palavra ao Sr. Primeiro-Ministro, para ser o penúltimo orador.

Se coloco a questão é mais porque o Sr. Deputado disse que queria falar depois do Sr. Primeiro-Ministro. Não quer dizer que não seja possível, mas coloco assim a questão para fazer a gestão, se pode colocar a questão de forma que o Sr. Primeiro-Ministro, quando falasse, fosse o penúltimo e o Sr. Deputado Idalécio, ou quem o representasse, fosse o último, para encerrarmos o debate.

Não sei se há ainda Srs. Deputados interessados em fazer uso da palavra.

Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia, para uma intervenção.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Sr. Presidente, queria só fazer menção de que gostaria de intervir depois do Sr. Primeiro-Ministro, mas, enfim, não é possível.

Gostaria de fazer esta intervenção, porque no decorrer do debate, na primeira oportunidade que tive, não consegui dizer. Escutei o Sr. Deputado Delfim Neves dizer que estava convencido que para este debate devíamos ter feito um trabalho de casa e que estamos a dar um mau exemplo à Nação. Bem, com essa expressão, gostaria que o Sr. Deputado me dissesse se com os negócios que se passaram à sua volta estaria a dar um bom exemplo à Nação.

Depois o Sr. Deputado disse ainda que estávamos a cansar a população. Nesta ordem de ideia, Sr. Deputado, quer dizer que este exercício que Vossas Excelências diziam que é democrático, na sua opinião, é cansar a população? Não estaríamos a cansar a população com outros actos ilícitos que muitos de nós temos cometido perante o Estado?

O Sr. Deputado também disse aqui, na sua intervenção, que o Sr. Primeiro-Ministro deve olhar para as *palaiês*, os taxistas, os funcionários da Educação e todo o elemento desta Nação. Sr. Deputado, eu quero fazer mais uma pergunta ao Sr. Deputado. Isto que o Sr. Deputado disse é verdade. Sr. Primeiro-Ministro, olhe para a população, porque a solução é esta, ademais pela forma como atingiu o cargo de Primeiro-Ministro. Porque o Sr. Primeiro-Ministro assumiu o cargo para fazer melhor do que o outro que lá estava.

Portanto, Sr. Deputado Delfim, queria fazer-lhe mais uma pergunta: olhar para as *palaiês*, para os hospitais e para os medicamentos, como disse, é possível há desvios constantes, quando há corrupção do dinheiro do povo? Na minha opinião, não!

Portanto, chamo aqui atenção para que todos sejamos dignos daquilo que somos chamados a responder, porque se o dinheiro do Estado não dorme nos cofres do Estado, como é que o senhor vai resolver os problemas das *palaiês*, dos taxistas e por aí fora?

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Direito de resposta.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Delfim Neves, estamos na rota de encerramento.

*Murmúrios e protestos do Sr. Deputado Delfim Neves.*

Quer invocar o Regimento?

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Sim, basta ver o artigo que fala sobre o direito de resposta. Fui citado e o Sr. Deputado Carlos Correia fez-me algumas perguntas que devo responder.

O Sr. **Presidente**: — Se faz favor, tem a palavra.

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — A primeira questão é que não entendeu sequer o que disse, estava aqui de corpo presente, mas a sua mente não estava na Sala. Se estivesse na Sala, teria entendido qual foi a intenção e o alcance da minha intervenção.

Segunda, segundo as suas palavras, «o dinheiro do Estado deve dormir no cofre do Estado». Se não está lá, está em sua casa!

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

*Protesto do Sr. Deputado Carlos Correia.*

Terceiro, o senhor fez-me uma pergunta e sempre que vem cá falar, a tendência é perguntar se com muita corrupção pode-se atender à questão do povo. Acho que não, mas do mesmo modo vou fazer-lhe outra pergunta, porque para resolvermos os problemas que temos, primeiro o senhor tem que olhar para o seu espelho e ver a sua cara!

A Sra. **Filomena Monteiro** (MLSTP/PSD): — Muito bem!

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — O senhor já explicou à Nação e à população do Príncipe porque é que foi expulso da CST?

*Protestos do ADI.*

O senhor já explicou à Nação de São Tomé e Príncipe porque é que foi demitido como administrador do hospital Manuel Quaresma?

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD:** — Oh!

*Protestos do Sr. Deputado Carlos Correia.*

O Sr. **Delfim Neves** (PCD): — Então, se quiser para levantarmos a palha, vamos pedir ao Ministério Público e o Governo tem essa responsabilidade, para fazer o inquérito de todos esses casos.

*Protestos e murmúrios do Sr. Deputado Carlos Correia.*

O senhor sabe do que estou a falar. Quando atira pedra para o telhado do vizinho, não se esqueça que tem telhado de vidro.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Pinheiro, para uma intervenção...

*Protestos do ADI.*

Srs. Deputados, o Sr. Deputado citou-o e ele é que tem o direito de resposta. O Sr. Deputado não tem direito de resposta!

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Muito bem!

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Ele ofendeu-me.

*Murmúrios e risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Pinheiro.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Sr. Presidente, a minha intervenção concentra-se única e exclusivamente no tema que nos trouxe aqui hoje e não quero desviar do assunto.

Temos que colher todas as informações e aproveitar que o Primeiro-Ministro está cá para nos enriquecer, não só nós os Deputados, mas também a Nação são-tomense e as pessoas que nos escutam e nos estão a ver através da TVS.

Primeiro, chamar atenção também à TVS, porque quando fazemos aqui intervenções, sobretudo o Grupo Parlamentar do ADI, muitas coisas não passaram. Espero que hoje não cortem.

**Vozes:** — Está em directo, Sr. Deputado.

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Não, quando houver o programa «Em Destaque» ...

*Murmúrios e risos gerais.*

Sr. Primeiro-Ministro, não estou esclarecido nem convencido com toda esta negociação que o Governo encetou para a venda do produto e o preço que o vendeu. Não estou convencido, primeiro porque ainda não tenho o documento para ver quanto é que custou. Depois, estou muito preocupado, porque parece-me que vamos perder um desses navios, que é o *Marida Melissa*.

*Murmúrios do Governo e do MLSTP/PSD.*

**Vozes:** — Mas esse já vendemos!

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — Já perdemos o «30 de Setembro» nessa história.

Então, Sr. Primeiro-Ministro, existe um certificado de origem que está lá no barco e há outros certificados. Tenho a certeza de que o Governo recebeu esses certificados na altura que os barcos foram confiscados, a empresa entregou a São Tomé e Príncipe todos os documentos ou alguém deve estar com eles e não apresentou ao Sr. Primeiro-

Ministro e o senhor está a incorrer em erro. É necessário o senhor investigar bem para não sair culpado nisto. Alguma coisa está a acontecer...

*Risos do Sr. Primeiro-Ministro.*

Existem documentos, os barcos petrolíferos não são barcos qualquer e andam devidamente documentados. Há análises que fazem, há todo o relatório de tudo que está no barco, não só do petróleo e da carga, de tudo!

Portanto, tenho a certeza que o Governo estava na posse desses documentos e, se não estava, deveria procurar, porque senão está a correr o risco de vender um roubo, um contrabando, um produto sem certificado. Como é que o Governo está a vender? Como é que o Governo negociou, como é que a outra parte comprou um produto que não tem certificado? Como é que aquela empresa, uma empresa que está neste mercado, pode ir adquirir um produto deste? Como é que vai vender, se não tem os certificados de garantia e de origem?

Portanto, havendo certificados de origem, havendo os relatórios de análise e havendo BL, o Governo não tinha razão de vender o produto a qualquer preço, quase de borla...

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD:** — De borla?

O Sr. **Carlos Pinheiro** (ADI): — ... pondo em causa os interesses do País. Continuamos a insistir que não queremos perder o nosso barco *Marida Melissa*. O barco é nosso e o senhor nos tem que dar satisfação de onde está o nosso barco. Não queremos perder o nosso barco!

*Murmúrios e risos gerais.*

Não podemos negociar um barco petrolífero por 28 000 euros. O que é que constituiu esses 28 000 euros? Com que base? Se calhar o IMAP e outras instituições receberam cerca de 7 000 euros e os outros 20 000 são de onde? Estão enquadrados em que norma, em que lei? Explique-nos como é que cobrou os 28 000 euros. Isso tem que estar enquadrado numa norma. Não podemos estar a lidar com esta matéria e dizer a outra parte, «epa, custa 20 000 euros, paga 20 000 euros e leva o barco». Isso não é assim. Queremos explicações.

Quero e alerto a todos os são-tomenses que o nosso barco *Marida Melissa* tem que regressar!

*Aplausos do ADI.*

*Murmúrios e protestos do MLSTP/PSD, do PCD e do Governo.*

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado José Viegas, para uma intervenção.

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, já nesta parte final, gostaria de, mais uma vez, em nome do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, agradecer o Sr. Primeiro-Ministro pelo sentido democrático e de Estado que tem, em ter aceitado este debate que se tornou necessário para esclarecimento desta questão atinente aos barcos.

Se há uma ilação que tiramos disto, a primeira, é que felizmente só agora, depois de alguns anos nas nossas águas, *Marida Melissa* tornou-se património nosso e estamos a reivindicá-lo. Isso já é um sinal positivo.

*Murmúrios do ADI.*

Porque há tempos atrás, esses barcos estiveram aqui com a cumplicidade de dirigentes do ADI e, segundo a intervenção do Sr. Primeiro-Ministro, havia um acordo assinado e também é verdade assente que se há um acordo assinado há contrapartidas e o Tesouro do Estado não recebeu um tostão. Então, o ADI saberá onde é que foi o dinheiro de todo esse tempo que o barco cá esteve.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O segundo registo que me parece importante é felicitar também o Governo pelo facto de ter conduzido o processo como conduziu e permitiu que, depois de tanto tempo, o Estado são-tomense recebesse alguma coisa no seu Tesouro Público para o benefício do próprio País.

Um outro registo que me parece interessante nisto tudo é que acho que esta Assembleia devia ser grata à posição do comandante do barco *Marida Melissa*, por ter reconhecido que o Estado são-tomense agiu na legítima defesa dos seus interesses. Os interesses do Estado têm que ser protegidos e defendidos.

Também ficou claro que não somos todos a defender Estado são-tomense. Isso tem que ser o registo que temos que deixar deste debate, não só nele, antes dele, as mensagens, as trocas de correspondências e as informações *on line* deram-nos a dimensão de como há cumplicidade de gente de São Tomé e Príncipe com os piratas que andam nas nossas águas. Isso é muito grave!

Outro registo importante é que esta Assembleia, o nosso Grupo Parlamentar, vai tomar uma iniciativa neste sentido, tem que fazer aquilo que compete fazer. Vamos pedir a instauração de uma CPI para apurarmos o que aconteceu nas nossas águas durante todo esse tempo, com a utilização ilegal desses barcos.

O Sr. **Abnildo d'Oliveira** (ADI): — Até as últimas consequências!

O Sr. **José Viegas** (MLSTP/PSD): — Os documentos que não foram entregues, os acordos existentes e escondidos, é uma responsabilidade que exige a intervenção de outros órgãos. Há instituições que têm que intervir e nisto também a Assembleia fará o que poderá fazer, na medida das nossas possibilidades, porque aqui temos que entender que nem todos estamos a navegar no sentido da defesa dos interesses soberanos do Estado são-tomense, como vem no artigo 64.º da nossa Constituição.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaríamos aqui de pedir a Vossa Excelência que continue a conduzir este processo da forma como vem fazendo. Os apelos que foram feitos aqui no sentido de tornar mais acutilante a intervenção de outras áreas da nossa vida nacional, para a melhoria das condições de vida das nossas populações, são bem-vindos e estaremos consigo a fazer aquilo que for possível para País, São Tomé e Príncipe, que penso que nos últimos 10 meses tem estado a ganhar uma dimensão externa diferente.

A sintonia entre o Governo e o Presidente da República tem sido perfeita e vai de harmonia com os interesses supremos da Nação são-tomense. Já não há visitas escondidas, já não há acordos escondidos, pelo menos nos últimos 10 meses, sem a envolvimento dos órgãos de soberania.

Finalmente, o que quero pedir a todos que tenham responsabilidades no Estado são-tomense é que, segundo as declarações feitas e as informações que o Sr. Primeiro-Ministro prestou aqui, cada um assuma a responsabilidade que tem e outros órgãos têm que assumir a parte das responsabilidades que têm.

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Convido o Sr. Primeiro-Ministro a responder às questões julgadas pertinentes e fazer as últimas considerações, antes de encerrarmos o debate.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: Creio ter dado com a transparência e clareza necessária as explicações solicitadas pelo Srs. Deputados do Grupo Parlamentar do ADI, autores do requerimento para este debate sobre uma matéria que não disse aqui que não é importante, mas, em termos de escala, a Nação vive preocupações mais prementes que, na minha perspectiva, deviam que suscita da nossa parte efectivamente um debate.

Sr. Deputado Carlos Correia, eu sabia qual era a missão que me esperava e não sou cobarde! Tenho verticalidade e olho para o são-tomense com a cara erguida! Sempre o fiz desde os meus 18 anos que venho lutando pela independência, reconstrução nacional e pela democracia deste país. Portanto, quem me conhece sabe efectivamente qual é a minha conduta.

Não fiz negociata nenhuma e o senhor deve corrigir a sua linguagem, porque usa excessos, às vezes é tolerado e é preciso ter algum cuidado. Não pode vilipendiar as pessoas de bem que vêm cá exactamente no exercício da democracia, para poder ser respeitado. Os meus actos todos, desde que assumi as minhas funções, submeto-os ao vosso escrutínio e disse que falava olho no olho. Sou vítima de calúnia; de coisas inaceitáveis e tolero tudo em nome da democracia. Não tenho nada a reprovar-me!

Relativamente a essa questão, os senhores apresentaram um certificado de origem que só os senhores têm...

*Murmúrios e protestos do ADI.*

...porque no relatório de bordo do barco em questão não consta nenhuma operação desta natureza. Volto a dizê-lo e isto podemos provar, porque o livro de bordo é um documento obrigatório dos navios e não há efectivamente registo desta operação, pelo que esse *pseudo* certificado de origem foi forjado para exactamente iludir o povo.

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Desafio-os e estive a fazer os contactos, porque não tive conhecimento deste documento, que volto a dizer que, pelas características que tem, é exactamente um documento forjado. Porque reparem: se é um certificado de origem, então é o navio que transporta a carga que o emite com o seu carimbo?

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD**: — Oh!

*Murmúrios e risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estamos a brincar!

A nossa preocupação era poder desembaraçar a Nação dessa carga perigosa de que não tínhamos domínio, porque seria muito mais grave se houvesse um derrame. Disse-o aqui, é preciso termos consciência disso, porque às



vezes quando estamos no hemiciclo e que tomamos a palavra, não é palavra bonita, nem dom da retórica, nem por ser advogado, é falar com a alma lavada e falar daquilo que se conhece.

Meus senhores, um homem de nível médio tinha que ter a obrigação de agir com a cautela necessária para não criar uma desgraça ecológica sem precedentes na nossa história. Isso passou, não com negociatas, mas por negociações aturadas, porquê? Porque efectivamente a pressão era grande, havia interesses e como não fui encarregue de assumir as funções de Primeiro-Ministro, para agir no meu interesse pessoal, nem dos meus familiares, agi e adoptei, no quadro do Governo que dirijo, procedimentos para poder fazer aquilo que entendi ser melhor para o Estado são-tomense.

Não posso aceitar que me digam que fiz negociata, porque não faço negociatas! Posso ter todos defeitos, mas não faço negociatas e nem participo nelas, que fique bem claro!

A questão dos Tribunais. Meus senhores, há uma grande confusão! Todos somos juristas, cada um com o seu nível, mas temos que estar de acordo sobre aquilo que é essencial. Ninguém nesse processo atentou contra o princípio da separação de poderes! Digo claramente que conheço o princípio constitucional da separação de poderes. Se não conhecesse isso, mal de mim! Conheço o artigo 140.º. Se não conhecesse, mal de mim.

O que é que fiz? Perante a autorização do Tribunal, é preciso extramente sabermos aonde andamos. Se o senhor diz que as decisões dos Tribunais impõem-se sobre os demais poderes, digo ao juiz que há o risco de poluição muito grande, tenho a carta da IMAP e das outras instituições todas e o Sr. Deputado Arlindo Ramos leu a declaração da *Stena Oil*, dizendo que a carga era perigosa, digo ao juiz que posso vender previamente a carga antes do trânsito em julgado. Vá ver no Código Civil que diz exactamente isso, «venda da coisa litigiosa». O Sr. Deputado Arlindo invocou as convenções, conheço-nos, leia as que falam sobre a poluição e veja qual é o risco. Tem-se que evitar o risco maior. Portanto, é preferível, se calhar o senhor atentar contra o princípio da separação de poderes e prevenir...

*Murmúrios do Sr. Deputado Levy Nazaré.*

Não faça comentários, se não sabe disso, então anda muito mal!

**Vozes do ADI:** — Oh!

*Risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Primeiro-Ministro:** — Se eu puser em causa o ambiente, se eu cometer aquilo que se chama na gíria ambiental um «ecocídeo» por omissão, por não ter feito nada para prevenir um dano maior, em que a fauna e a flora de São Tomé e Príncipe podem ficar comprometidas durante vários anos? Entre isso e eventualmente torcer o pescoço, há uma regra, que considero, na escala de importância e não importância, o que devo fazer. Ninguém lhe dá razão sobre isso se fizer diferente!

Só a vontade de dizer as coisas para, enfim, entreter a população, dizendo, como ouvi aqui esse apelo, «nós queremos o nosso *Marida Melissa* de volta» ...

*Risos.*

Meus senhores, expliquei aqui que houve um acordo para prevenir todo esse mal que pesava sobre nós.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Ele é um palhaço!

O Sr. **Primeiro-Ministro:** — Houve um acordo no sentido de se libertar os barcos e não atentei contra a decisão do Tribunal, porque me disseram que a decisão tinha transitado em julgado, tinha acabado, tenho a competência...

A Sra. **Isabel Domingos** (ADI): — E a sentença?

O Sr. **Primeiro-Ministro:** — A senhora fez essa pergunta e lhe disse que a sentença transitou em julgado e esgotou o poder colectivo do juiz.

Portanto, a carga está no Estado e quem tem a competência para dizer o que fazer com a carga sou eu. Quem disser o contrário, está a mentir! Não tem nada a ver, quando o processo está em instância judicial, oiçam muito bem, não deve haver intromissão, o juiz é soberano; o juiz decidiu, houve recurso, esgotou o poder do juiz e eu é que vou dizer extramente o que fazer. O artigo 140.º que invoca e que diz que o produto deve servir para melhorar a cadeia e por aí fora. Portanto, é uma disposição legal, mas quando o senhor tem uma convenção, na hierarquia de normas, os senhores sabem, se invocaram a Constituição também devem saber que a lei interna vem depois.

A seguir a Constituição vem a convenção internacional. Muitas vezes, quando há um conflito entre a Constituição e uma disposição, temos que ter algum cuidado, mas não acontece como a lei penal, ou outra lei que vai contra a Constituição. Não tenha a mínima dúvida que há procedência da norma internacional sobre o direito interno. Se tiver essa dúvida, então tem que ir rever, porque há qualquer coisa que não vai bem. Portanto, que fique claro!

Ouvi e espero que tenhamos um debate aqui sobre a questão da justiça, porque foram ditas muitas inépcias. Respeito a discordância e a posição das pessoas relativamente à Constituição e a seja o que for. Agora, dizer-me aqui

desta Assembleia que tive uma iniciativa legislativa para atingir um juiz, porque não gostei dele, francamente! Quer dizer, é preciso ser-se de um nível...

O Sr. **Guilherme Octaviano** (MLSTP/PSD): — Baixo nível!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — ... para se chegar a essa constatação.

Disse aos Srs. Deputados que estou disponível para debates sérios sobre coisas sérias, do que consideram responsável. Ouvimos aqui apelos dos Srs. Deputados e o Governo tem a consciência exacta de qual é a situação que o País atravessa. Ninguém ignora a crise económica e financeira que assola o País...

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, o Sr. Primeiro-Ministro está a fugir às questões!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — O Governo está no uso da palavra e está a dizer exactamente aquilo que não teve ainda a oportunidade de dizer, relativamente àquilo que os senhores disseram aqui!

A Sra. **Carmelita Taveira** (MLSTP/PSD): — Exactamente!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Quero um debate com os senhores sobre aquilo que fiz e o que não fiz, relativamente à gestão deste país. É dramático, é doloroso e é confrangedor, alguém que se dedica seriamente, que conhece as dificuldades do País, possa ver como é que compatriotas esfregam as mãos de contente, em vez de ajudarem para que juntos encontremos soluções para os problemas que o País tem.

Não é em 10 meses, não fui eu que fiz toda a desgraça salarial que tem este país. Tive que enfrentar greves no hospital, dos professores e outras demais greves; confrontar com actividades que são consideradas de «terroristas», quando se corta o cabo do Aeroporto para poder...

*Murmúrios e protestos do Sr. Deputado Arlindo Ramos.*

O senhor tem memória curta. Gosto de reter as minhas coisas. Quando se disse aqui que havia a tentativa de fogo na pista, não compreendi porque é que isso provocou tanta agitação e diziam, «não, é mentira, trata-se da Gravana e, portanto, há fricção e essa fricção provoca fogo»; então também houve fricção para cortar o cabo no aeroporto para que não houvesse luz?

*Risos gerais.*

*Murmúrios e protestos do ADI.*

Meus senhores, volto a dizer, quando os senhores falaram, eu ouvi. Portanto, tenham a capacidade de poder ouvir! Disse-vos, prometi e cumprirei, virei aqui para um debate sobre cada um dos sectores da vida nacional. Terei a coragem de assumir perante vós aquilo que faço, aquilo que não faço e as dificuldades que tenho.

É demagogia barata dizer-se às pessoas que se está a fazer a discriminação entre os presidiários cadeia central e os presidiados estrangeiros! Meus senhores, depois da explicação, se não há má-fé, literalmente «má-fé», como é que não se compreende que cidadãos estrangeiros que estão aqui, que foram apanhados nessa aventura e estavam na nossa cadeia central, com riscos tremendos...

**Vozes do ADI**: — É discriminatório.

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Não é discriminatório! É que ninguém nos perdoaria. Quando se encarcera alguém tem que se criar condições para poder manter a pessoa dentro de um estabelecimento penitenciário em condições mundialmente aceitáveis. Há os chamados direitos do homem. Portanto, vir fazer política com isso, dizendo às pessoas que é discriminatório e que se violou a decisão dos Tribunais, afinal de contas, Srs. Deputados, esse debate, que a partida se pode dizer que era um debate com sua razão de ser, era uma ocasião que o Grupo Parlamentar do ADI queria para fazer a sua propaganda.

Porque quando vi o conteúdo duvidei, mas prestei-me a esse exercício, no estrito respeito pela representação nacional e as pessoas que me estão a ouvir chegarão à conclusão de que efectivamente o que se pretende com esse tipo de acção não é o esclarecimento das pessoas. Até tinham um documento forjado contra os interesses do Estado são-tomense e trouxeram-no...

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — Vai investigar!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Estou a dizer-lhe que é falso!

O Sr. **Alexandre Guadalupe** (ADI): — O senhor é mentiroso!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Isso não me incomoda e os senhores não podem prevalecer com documentos falsos.

*Murmúrios e protestos do ADI.*

O Sr. **Arlindo Ramos** (ADI): — Vai investigar!

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Conheço o dom, o senhor tem dotes especiais e sei extramente do que se trata.

*Risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

Então, que me traga o original e terei a coragem de assumir, perante a representação nacional, se houve alguma coisa que falhou ao nível dos meus serviços. Mas estou-lhe a dizer que, ao nível do livro de bordo, essa operação não consta. Está-se a falar de operação *offshore* de São-Tomé, quem é que lhe deu autorização para fazer isso?

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD**: — Oh!

*Murmúrios do ADI.*

O Sr. **Primeiro-Ministro**: — Meus senhores, o que estamos a procura é de esclarecer a verdade e não há nenhum propósito em escamotear seja o que for. Dissemos exactamente o que se passou; dissemos que estávamos pressionados pela perigosidade da carga; fizemos os apelos necessários e não voltem a dizer que há negociatas, ou que se vendeu ao desbarato, porque isso é afirmação completamente despida de qualquer sustentabilidade.

*Murmúrios e protestos do ADI.*

Colocarei os documentos todos à vossa disposição. Então não o disse aqui? Mas o que é que temem? Vão ver os documentos, compulsem-nos e façam os inquéritos que são necessários. Isto é uma democracia e a democracia tem regras. Agora, não induzam em erro as populações! Não digam, «tragam o nosso barco», como se não tivesse havido uma negociação sobre o barco e assinada com os donos de *Marida Melissa*. Assinamos os documentos e deixamos o navio partir! Não façam propaganda demagógica, que isso não pega. Negociamos!

O senhor está a dizer que houve multa e que ficamos com 28 000 euros. É a multa do IMAP. O senhor não sabe que há regras do funcionamento do IMAP? Houve a multa aplicada ao navio pelo IMAP e o dinheiro entrou na conta do Tesouro, multa por ter entrado nas águas sem autorização.

Em relação ao *Duzigit Integrity*, as negociações não acabaram. Quando o *Duzigit Integrity* preencher os requisitos negociais que estabelecemos, também vai-se embora. Portanto, essa responsabilidade é minha, no interesse legítimo do Estado são-tomense e, sobretudo, fazer as coisas tendo em conta sempre os superiores interesses da Nação são-tomense.

Portanto, não há violação do princípio da separação de poderes; não há nenhuma negociata, nem podia haver. Pelo menos comigo não há negociatas, vocês sabem perfeitamente bem. Houve os passos todos que foram dados e explicados convenientemente aos Srs. Deputados.

O indulto do Sr. Presidente da República foi suscitado pelo Governo como forma de poder entrar na fase negocial, para poder resolver esse problema e afastarmos esse perigo maior que pairava sobre o nosso Estado.

Portanto, Srs. Deputados, não vou me alongar mais e quero dizer-vos que estarei sempre disponível. E não digam que se tem que fazer um concurso público para contratar um advogado, porque estão a dizer um grande disparate. Dêem-me um exemplo aqui em São Tomé e Príncipe! Não é que tenha repetido uma prática que seja má. Em que normas os senhores viram que, para se consultar um gabinete de advogados para defender o Estado, tinha que se chamar os gabinetes e dizer, «meus senhores, há um concurso público, porque o Estado são-tomense precisa ser defendido»?

*Risos.*

Meus senhores, pelo amor de Deus, não digam isso! Todos os acordos que foram negociados aqui em São Tomé e Príncipe, quando se chamou advogados, digam-me em que caso é que se fez concurso público para haver defesa judicial? Por um lado.

Por outro lado, vocês podem ir ao Tribunal e perguntar. A questão que os senhores invocam, não é em vão, porque dizem que o Dr. Pósser da Costa é meu tio...

*Protestos do ADI.*

Está na vossa rede social, porque é vosso hábito manchar as pessoas como carvão! É por isso que disse que era aqui que devíamos dizer essas coisas todas.

Vocês podem perguntar e vão saber que foi a Guarda Costeira que recrutou o Dr. Posser da Costa, porque costuma trabalhar com eles, quando tiveram que fazer o corpo delicto para levar ao tribunal. Disse, «já que está por

dentro, vai presidir a comissão negociada que o Estado vai indicar, mediante um despacho meu» e tenho os relatórios feitos regularmente sobre todo o processo até a data, com a maior lisura e transparência. Disso não tenham dúvidas!

*Aplausos do MLSTP/PSD e do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — Como manda o Regimento, convido o Líder Parlamentar do ADI para fazer uso da palavra, ou indigitar um colega seu para o efeito.

O Sr. **Idalécio Quaresma** (ADI): — Sr. Presidente, chamo o Sr. Deputado Levy para o efeito.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Sr. Presidente, antes de mais, gostaria de lhe cumprimentar pela forma como presidiu hoje esta nossa reunião, debate de urgência, e espero que continuemos assim, com a Mesa a fazer um esforço para que o povo possa de facto acompanhar aquilo que os Deputados estão aqui a fazer.

Gostaria de começar pela parte final da intervenção do Sr. Primeiro-Ministro, também olhando olhos nos olhos, dizendo definitivamente que, há alunos de direito a nos escutar. Temos hoje faculdades de direito aqui no País. Para este caso concreto, este tipo de crime, o Ministério Público é que tem que assistir o Estado. Juridicamente, não vou discutir isso consigo.

Gostaria também de dizer que quando as regras são cumpridas, quando a Conferência de Líderes chega a um acordo sobre o tempo dos debates, então deve-se cumprir como o ADI tem vindo a cumprir e por isso é que temos tido debates. Logo, as regras devem ser cumpridas. Se a Conferência de Líderes diz algo sobre o tempo dos debates, depois vem-se aqui alterar esse tempo, como aconteceu com o XIV Governo Constitucional. É errado! Os líderes podem confirmar, desde que entrou o seu Governo tudo que a conferência de líderes decide, o nosso Grupo Parlamentar acata e estamos aqui no debate. Isto para aqueles que dizem que o ADI fugia aos debates.

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD**: — Oh!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Gostaria também de dizer que vamos suscitar mais debates. O Sr. Primeiro-Ministro pode ficar descansado. E esperamos que ao vir aqui responda às perguntas que colocarmos. Não fuja às perguntas, não ludibrie, não engane ao povo, porque o senhor não respondeu a muitas perguntas que aqui colocamos e no outro debate também fez a mesma coisa.

*Aplausos do ADI.*

Por isso, dizer olho no olho que «eu sou democrata», porque vem a um debate, mas quando me fazem uma pergunta fujo, desculpe lá, espero que das próximas vezes o senhor responda às perguntas que são colocadas.

Gostaria também de dizer ao Sr. Primeiro-Ministro, tenho que dizer isso muito claramente, que não pode, enquanto Chefe do Governo, fazer uma proposta de reforma da Justiça, atacando os juizes e depois vir hoje aproveitar as decisões dos juizes como se fosse um bom governante. Porque está a aproveitar as decisões que o juiz tomou, por isso é incoerência. Chama-se a isso «incoerência intelectual».

Gostaria também de dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que o que se registou aqui, mais uma vez da sua parte, é ajuste de contas do passado – talvez do seu passado que não conheço – pelo líder do ADI hoje...

*Murmúrios do Sr. Primeiro-Ministro.*

Sr. Presidente, o Sr. Primeiro-Ministro está a faltar-me com o respeito e não está a me deixar falar. Tem que me deixar falar...

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD**: — Oh! Não é o que vocês fazem todo o tempo?

*Aplausos e risos.*

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Não se pode dar moral aos outros, quando não se tem moral.

*Murmúrios gerais.*

Por isso, gostaria de dizer também ao Sr. Primeiro-Ministro que, para além desse ajuste de contas do seu passado com o ADI, também hoje passa a vida a atacar os seus adversários políticos e dirigentes do ADI. Peço-lhe para governar mais e preocupar-se menos com as redes sociais. É essa a sua função, é isso que o senhor jurou perante a Nação. Deixe o ADI fazer o seu trabalho de oposição. Pode preocupar-se com a oposição, não estou a dizer para não se preocupar, somos oposição, mas não pode ter a sua preocupação com o ADI como prioridade e deixar de governar. É isso que gostaria de apelar.

Aproveito também, já agora que o senhor diz «quem me conhece», para dizer que há muita gente que o conheceu que hoje já não o conhece, mas mesmo assim, «quem me conhece sabe ...», porque já aconteceu no passado, arroz podre...

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD): — Xiê!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Volto a pedir-lhe para tomar atenção com o arroz que está a vir do Japão. Não deixe a Câmara do Comércio comercializar o arroz, porque não é essa a sua missão. É só um alerta.

Gostaria também de lhe dizer que, ao contrário daquilo que o senhor quis aqui dizer sobre essa matéria, que negociou o navio por causa das consequências que poderiam advir do combustível e das cargas que nele estavam, o navio que foi negociado e que partiu não tinha nenhum combustível a bordo.

O navio que tem carga é aquele que ficou. Por isso é que de facto não se pode apenas pagar as custas do IMAP. O senhor sabe que conheço as custas alfandegárias, porque trabalhei da Direcção dos Impostos. Quanto é que vale o navio que o senhor deixou partir, o navio que é nosso?

**Vozes do MLSTP/PSD e do PCD:** — Pois é, agora o navio já é nosso!

A Sra. **Filomena Monteiro** (MLSTP/PSD): — É navio do ADI!

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI): — Nosso, do País!

Por isso, Sr. Primeiro-Ministro, vir aqui tentar enganar a população, dizendo coisas que não correspondem à verdade apenas para dizer que «eu sou democrata e venho para o debate», da próxima vez venha e responda às perguntas, de forma que saíamos daqui todos esclarecidos. Haverá outros debates e brevemente vamos chamar o Governo.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente:** — Sr. Primeiro-Ministro, caros colegas, estamos chegando ao fim dos nossos trabalhos, mas gostaria, antes de terminar a sessão, de pedir ao Chefe do Governo que, na sequência daquilo que aqui fizemos hoje, pudesse pôr à nossa disposição para posterior conhecimento dos Srs. Deputados tudo aquilo que julgar possível e que não fira eventualmente alguns segredos do Estado, relativamente a este dossier.

Julgo que todas as dúvidas provavelmente não ficaram esclarecidas, daí que, estando na posse de alguns documentos e de algumas peças processuais, aquelas que forem possíveis, os Srs. Deputados estarão na posse de elementos para continuar a partilhar as informações com a verdade necessária.

Deste debate, pareceu-me que todos os grupos parlamentares fizeram jus à acção dos nossos militares inseridos na nossa Guarda Costeira, julgo que a história do País independente, São Tomé e Príncipe, não regista muitos factos desta natureza e, não obstante os sussurros e as turbulências que envolveram este dossier, devemos estar orgulhosos daquilo que a nossa Guarda Costeira realizou.

Por isso mesmo, não resisti à tentação, tive uma iniciativa e, com a colaboração dos serviços, fiz circular juntos dos grupos parlamentares, através dos Líderes Parlamentares, uma proposta de resolução para que esta Assembleia, através de um gesto, homenageie a nossa Guarda Costeira.

Se os Srs. Deputados estiverem de acordo, pediria a Sra. Deputada Celmira que fizesse a leitura desta proposta. Devemos reconhecer que, com os poucos meios que têm, exerceram uma acção que julgamos patriótica em benefício do País.

*Afirmaram, acenando com a cabeça.*

A Sra. **Secretária** (Celmira Sacramento): — Passo a ler o projecto de resolução.

«Considerando o papel patriótico desempenhado pela Guarda Costeira no estrito cumprimento das suas atribuições legais, visando assegurar a protecção e fiscalização das águas territoriais da nossa zona económica exclusiva que culminou com a apreensão de dois navios de bandeiras turca e maltesa que se encontravam ilegalmente nas nossas águas territoriais;

Sendo a Assembleia Nacional o mais alto órgão representativo e legislativo do Estado e não podendo ficar indiferente a essa acção patriótica e intrépida levada a cabo pelos nossos militares da Guarda Costeira;

Atendendo que acções como estas não devem ser relegadas ao silêncio e à indiferença;

A Assembleia Nacional resolve, nos termos da alínea *b*) do artigo 97.º da Constituição, o seguinte.

Artigo 1.º, render a devida homenagem aos militares da Guarda Costeira da República Democrática de São Tomé e Príncipe pelo acto patriótico e sublime que culminou com a apreensão de dois navios de bandeiras turca e maltesa que violaram as nossas águas territoriais.

Artigo 2.º, apelar aos militares da Guarda Costeira a continuarem firmes e irredutíveis no cumprimento dos seus deveres legais destinados à defesa das nossas águas territoriais de qualquer acção ilegal.

Artigo 3.º, exortar o Governo para que no Orçamento Geral do Estado para o ano económico de 2014 sejam dotadas verbas destinadas a reforçar a capacidade operacional da nossa Guarda Costeira.

Artigo 4.º, a presente resolução entra imediatamente em vigor.

Publique-se, Assembleia Nacional, em São Tomé, aos 24 de Outubro de 2013.

O Presidente da Assembleia Nacional, *Alcino Martinho de Barros Pinto*».

O Sr. **Presidente**: — Considerações de natureza genérica?

*Pausa.*

Não havendo, vou submeter à votação na generalidade.

*Submetido à votação, foi aprovado por unanimidade, com 53 votos a favor.*

Votação na especialidade, preâmbulo e os artigos 1.º a 4.º.

*Submetidos à votação, foram aprovados com 53 votos a favor.*

Votação final global.

*Submetido à votação, foi aprovado por unanimidade, com 53 votos a favor.*

*Aplausos gerais.*

A pedido do Sr. Presidente da 2.ª Comissão, os Srs. Deputados desta mesma comissão são convocados para um encontro de emergência no final da sessão.

Quero agradecer a Sua Excelência o Primeiro-Ministro e os membros do Governo, a todos aqui presentes e desejar um bom almoço a todos.

Declaro encerrada a sessão.

*Eram 15 horas e 45 minutos.*

*Estavam ausentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Heliodoro Pires Quaresma**

**Domingos José da Trindade Boa Morte**